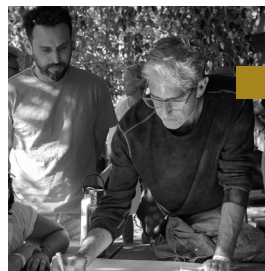
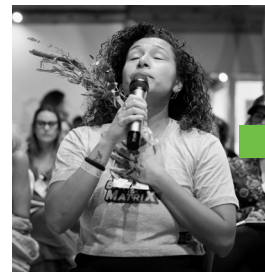
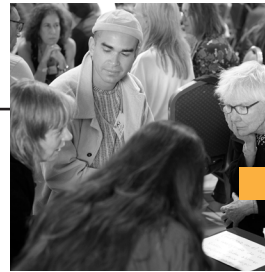


PROGRAMA DE LIDERANÇA ECOSISTÊMICA AMÉRICA LATINA

u-school for Transformation Presencing Institute

■ Relatório 2024





CONTEÚDO

Introdução	05
1 Momento atual e desafios na América Latina	08
2 Construção do movimento do PLE	12
3 Propósito e objetivo do PLE	16
3.1 A teoria da mudança do PLE e sua matriz de transformação do sistema	18
4 Estrutura e desenho do Programa	20
4.1 Módulo Fundacional 1: objetivos e desenho em 2024	24
4.2 Módulo 2: objetivos e desenho em 2024	26
5 PLE América Latina: Quem somos nós	30
5.1 O que criamos para impacto social	34
6 Pesquisa-ação baseada na consciência:	36
6.1 Práticas de artes sociais para transformação de sistemas	38
6.2 Mapeamento 4D: Ajudando o sistema a se ver e sentir	40
6.3 A confluência de duas formas de Arte Social	47
7 Sete cerimônias indígenas ao longo de cinco movimentos do “U”	50
7.1 O conselho de visão	57
7.2 Curando traumas coletivos	62
7.3 A conectividade do campo social	64
7.4 O reemergência da sabedoria ancestral e seu papel dentro do PLE	66
8 Conclusões: O que está emergindo no PLE através desta lente de pesquisa-ação baseada na consciência?	73
9 Anexo	76

INTRODUÇÃO

América Latina: Unida na Diversidade. “Não há limite para o que podemos criar coletivamente uma vez que alinhamos nossa intenção, atenção e ação na escala do todo”, afirmou Otto Scharmer ao começarmos o segundo grupo do Programa de Liderança Ecológica (PLE) América Latina, um encontro de cinco dias realizado em San Esteban, Chile, em março de 2024. Durante esse programa transformador, 245 participantes de todas as partes da América Latina se engajaram simultaneamente no Módulo Fundacional 1 e no Módulo de Impacto Coletivo 2.

A América Latina é uma região com uma história rica, moldada pela confluência de civilizações indígenas, colonização europeia, herança africana através do comércio transatlântico de escravos e ondas de imigração de todo o mundo. Esse mosaico histórico teceu uma diversidade de culturas, línguas e tradições, criando uma identidade única.

O Programa de Liderança Ecológica está fundamentado nessa identidade e diversidade, reconhecendo-as como um princípio vital para entender e promover o impacto coletivo. O programa enfatiza a importância de preservar e celebrar os legados únicos da América Latina, suas identidades, ancestralidade e culturas, ao mesmo tempo que integra os ensinamentos da Teoria U.



A Teoria U, desenvolvida por Otto Scharmer, pesquisador e professor sênior do MIT, é uma robusta estrutura de trabalho para a transformação pessoal e sistêmica, e a cocriação de ações e impacto coletivos. Derivada do estudo de pessoas inovadoras em diversas áreas, a Teoria U oferece um caminho para ideias re-



“ Não há limite para o que podemos criar coletivamente uma vez que alinhamos nossa intenção, atenção e ação na escala do todo.”

volucionárias ao utilizar o poder da presença (do inglês *presencing*) — tanto interna quanto externa — permitindo que líderes naveguem pelos desafios de nossos tempos disruptivos com visão, clareza e propósito.

A abordagem inovadora do programa combina um ambiente multicultural e perspectivas

multissetoriais com ensinamentos de mudança sistêmica baseada na consciência e as tradições indígenas da América Latina. Essa combinação aprimora a qualidade da nossa atenção e consciência, constrói relacionamentos duradouros e promove o desenvolvimento socioambiental, impactando significativamente a



O Programa ELP é baseado na identidade e ancestralidade latino-americanas, reconhecendo-as como um princípio vital para compreender e promover o impacto coletivo.

criação de mudanças e a construção de movimentos em direção a um futuro sustentável.

Este documento apresenta uma visão geral do Programa de Liderança Ecológica (PLE) na América Latina, começando com uma introdução ao momento atual e os desafios enfrentados pela região. Explora os esforços de construção de movimentos dentro do PLE, detalhando seu propósito, objetivos e a estrutura e o desenho do programa. Isso inclui uma análise dos módulos fundacionais, destacando seus objetivos e desenho. O relatório examina a identidade e missão do PLE América Latina, enfatizando o impacto social criado por meio de práticas e protótipos desenvolvidos por

grupos ecossistêmicos. Reflete sobre protótipos e iniciativas anteriores do PLE, avaliando a eficácia dos módulos oferecidos.

Uma parte significativa do documento discute a pesquisa-ação baseada na consciência, integrando novas e antigas tecnologias sociais para a transformação, incluindo cerimônias indígenas e artes sociais. O relatório examina práticas de artes sociais para a transformação de sistemas e explora o significado simbólico da espiral no reemergir da sabedoria ancestral. Conclui com reflexões sobre o papel do trauma coletivo, da ação coletiva e da conectividade do campo social, destacando, por meio dessa lente, o que está surgindo no PLE.



Participantes durante uma prática em grupo de aprendizagem sobre a natureza.



"Você tem que ser o futuro que deseja ver e tem que ser o sistema que deseja criar, que deseja transformar."

Janine Saponara, Equipe principal do PLE e Faculty Presencing Institute, Brasil

1.

MOMENTO ATUAL E DESAFIOS NA AMÉRICA LATINA

Na América Latina, desafios econômicos significativos e instabilidade política marcam o momento atual de cada país da LATAM.

A América Latina está em um momento crítico, enfrentando desafios multifacetados que exigem abordagens inovadoras para liderança e transformação social. Para compreender completamente a complexidade da situação atual, precisamos olhar além do que é imediatamente visível e considerar as forças mais profundas, muitas vezes invisíveis, em jogo. O conceito de Otto Scharmer das três dimensões – ecológica, social e espiritual – fornece uma estrutura valiosa para entender esses desafios. Essas dimensões se manifestam como desconexões da natureza, uns dos outros e de nós mesmos, resultando em fragmentação social, degradação ecológica e uma crise de significado e propósito.

O Programa de Liderança Ecológica (PLE) foi criado para enfrentar esses desafios por meio de liderança colaborativa, consciente e inclusiva em toda a região. O continente enfrenta problemas econômicos, sociais e ambientais persistentes, os quais há muito tempo são obstáculos para

o seu progresso. A instabilidade econômica, exemplificada pela taxa de inflação de 130% da Argentina em 2023, aliada à gritante desigualdade de renda, como visto no Brasil, onde os 10% mais ricos detêm quase metade da renda do país, ressalta a fragilidade econômica da região. A agitação política, a degradação ambiental — particularmente na floresta amazônica — e a pandemia da COVID-19 expuseram ainda mais as profundas desigualdades sociais e fraquezas nos sistemas de saúde e educação. A exclusão digital, com taxas de penetração da Internet variando de mais de 80% a menos de 60% entre os países, agrava esses desafios ao limitar o acesso a informações e oportunidades.

Para abordar esses desafios complexos e unir as três dimensões (ecológica, social e espiritual), uma mudança de paradigma na liderança é essencial. Conforme observado por Scharmer, “Um futuro de liderança é aquele que é mais coletivo, mais consciente e mais feminino”. Essa abordagem



Participantes durante a prática de arte social: poesia social em ação.



Scribing Generativo, de Geisa Paganini De Mio.

ênfatisa a governança inclusiva, o diálogo multissetorial e a tomada de decisão colaborativa que aborda as causas-raiz em vez de apenas tratar os sintomas.

O Programa de Liderança Ecológica (PLE) responde a essa necessidade fomentando o pensamento sistêmico, promovendo a liderança consciente e encorajando a colaboração entre múltiplas partes interessadas. Ao nutrir essas qualidades em vários setores, o PLE visa catalisar mudanças transformadoras, desbloquear o potencial da América Latina para práticas mais regenerativas e unir as dimensões ecológica, social e espiritual. Ele cria um espaço regional que abarca iniciativas que pretendem trabalhar no sentido de uma relação mais harmoniosa com a natureza, uma coesão social mais forte e um senso

mais profundo de propósito e conexão, construindo, em última análise, um futuro mais equitativo e regenerativo para todos.



"Um futuro da liderança é aquele em que quanto mais a crise atual se aprofunda, mais esse tipo de nova liderança será necessária, e isso significa uma liderança mais coletiva, mais consciente e mais feminina." (Otto Scharmer, primeiro dia, abertura).



"Nós é que vamos desaparecer se não cuidarmos dela, porque esta é a nossa única casa. Então, para mim, ..., tudo está dentro dos nossos genes, e para nós, a cura está aqui."

Alejandrina Ayala Ninasivincha, Curandeira, Nação Aruni-Quechua no Peru



2. CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO DO PLE

Nosso movimento de liderança ecossistêmica na América Latina começou em 2023 em Colônia, Uruguai, com o objetivo de enriquecer o PLE não apenas com o “sabor” cultural da América Latina, mas com sua sabedoria ancestral, conhecimento tradicional, além das experiências e trajetórias regionais e locais.

Nosso movimento de liderança ecossistêmica na América Latina começou em 2023 em Colônia, Uruguai, com o objetivo de enriquecer o PLE não apenas com o “sabor” cultural da América Latina, mas com sua sabedoria ancestral, conhecimento tradicional, além das experiências e trajetórias regionais e locais.

De acordo com os ensinamentos de Kurt Lewin, que cunhou e desenvolveu o conceito de pesquisa-ação, “um sistema não pode ser compreendido a menos que seja transformado” (Lewin, 1946). É preciso primeiro intervir para compreender as dimensões mais profundas do sistema atual. É insuficiente observar à distância, sabemos disso; então, estar ativamente engajado no terreno e tornar o sistema visível a todos é essencial.

Com experiências passadas, aprendemos a enfatizar a importância de

abraçar a incerteza e ir além das zonas de conforto para uma liderança significativa, ao invés de pular para a ação sem reflexão, pois isso pode perpetuar padrões passados. Assim, mudamos nossa atenção para nossa terra, América Latina, e uns para os outros, e oferecemos três sementes de intenção:





Foto de grupo, 245 líderes durante o ensaio com tambores.
Foto via drone.

aprofundar conexões espirituais, curar a fragmentação social e estabelecer conexões verdadeiras na América Latina. Convidando a busca coletiva e a contemplação desses temas para atingir 3 objetivos principais: transformação pessoal e social para impacto coletivo, construção de capacidades e ativação de conexões e relacionamentos que, juntamente com a tecnologia de inovação social e a cosmovisão indígena, tornam o Movimento PLE possível e relevante para os desafios que enfrentamos.

Para isso e inspirado por nossas conquistas como empreendedores sociais, a equipe do PLE reuniu as metodologias e práticas da Teoria U, artes sociais e ensinamentos indígenas. Dessa forma, o movimento começou a acreditar em contribuir para as dimensões sociais, ambientais e espirituais, criando uma plataforma regional para aprendizado, troca e

desenvolvimento pessoal e coletivo.

A plataforma do PLE enfatiza a importância de cocriar futuros sustentáveis por meio de escuta profunda e colaboração, tecnologia social, práticas baseadas na consciência e sabedoria indígena. O poder de desacelerar, permanecer juntos por dias, anos e se envolver com o mundo de maneiras profundamente diferentes para criar visibilidade e impacto por meio de um movimento que também faz parte de um movimento planetário maior.

Este movimento ressoa em nossos corações, nutrindo relacionamentos em um ambiente com uma profunda diversidade de regiões, países, idades, setores e interesses, que promove a autoconsciência e amplifica nossas intenções coletivas. Envolve criar e sustentar conexões consigo mesmo, com a comunidade e com o globo. Como Mar-

garet Wheatley sugere, a liderança eficaz no mundo interconectado de hoje requer o fomento de relacionamentos significativos e a criação de espaços para diálogo genuíno e ação coletiva (Wheatley, 2009).

Em termos pragmáticos, o movimento de liderança ecossistêmica se refere a uma abordagem de liderança que envolve fazer parte de um movimento mais significativo e colaborar com várias partes interessadas, organizações e indivíduos na América Latina e ao redor do mundo para abordar desafios e oportunidades complexos dentro de um ecossistema mais amplo na América Latina por meio de práticas baseadas na consciência para mudança coletiva. Uma abordagem mais holística e experiencial para lidar com as questões

multifacetadas que a região e o mundo enfrentam, reconhecendo que os problemas estão interconectados e exigem novos esforços de liderança para alcançar soluções significativas para a humanidade e a Natureza. . .

Estamos no segundo ano, estamos construindo o futuro à medida que as sementes das possibilidades nos são reveladas!

"... ao entrar neste espaço, me sinto abençoado, inspirado e chamado para algo maior. Minhas esperanças para nosso tempo juntos são aprofundar nossa conexão com o espírito, curar ao crescer juntos, e dar uma pausa e nos conectar verdadeiramente com a essência mais profunda de nossa jornada. Essas são minhas três sementes de intenção para nosso movimento." Otto Scharmer.



Participantes em prática de atenção plena e conscientização.



Participantes em prática de caminhada dialógo.



"O PLE é um chamado à harmonização em direção ao equilíbrio e ao Equilíbrio do Ser Humano. Estou aqui para compartilhar um pouco da cosmovisão maia, ao mesmo tempo em que trago essa medicina ancestral. Desta vez, há oportunidades que querem que voltemos às raízes, à consciência humana, ao respeito à vida, ao respeito a tudo o que vemos ao nosso redor."

Amalia Tumxinico, Curandeira e Contadora do Tempo, Nação Maia na Guatemala

3. PROPÓSITO E OBJETIVO DO PLE

O Programa de Liderança Ecológica (PLE) é uma plataforma regional inovadora que promove o aprendizado e a troca para o nosso tempo atual. Ele fornece um espaço para transformação pessoal e coletiva, levando à experimentação e à prototipagem concreta de iniciativas que permitem a evolução dos sistemas.

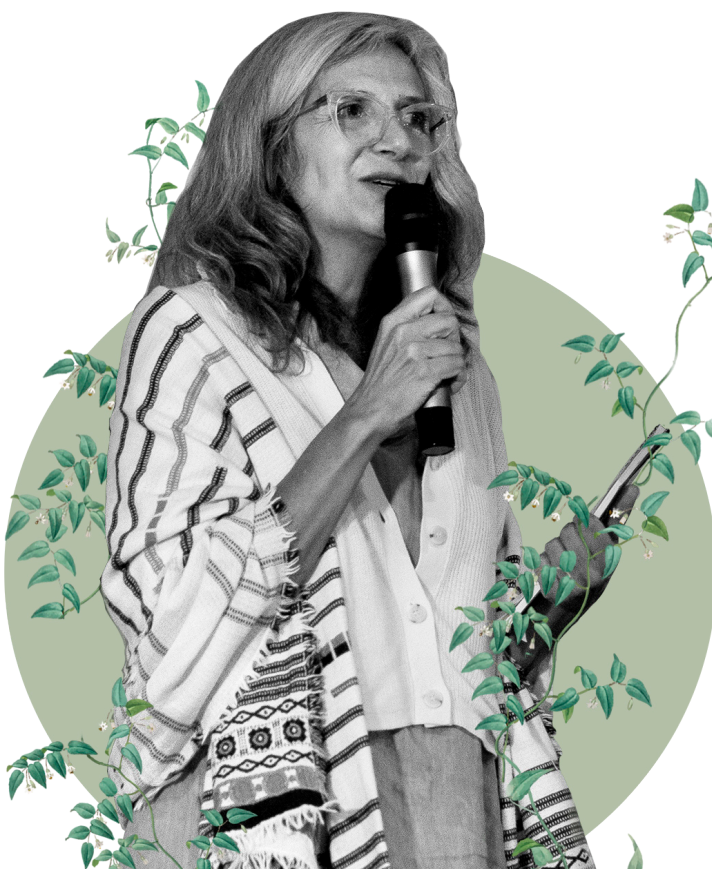


Participantes em
prática coletiva.



"Ao promover transparência, responsabilidade e governança ética, os líderes podem restaurar a confiança pública e impulsionar a transformação sistêmica"

Julio Neme, da Emerge Chile, uma iniciativa de ativação de liderança local nascida da experiência do PLE.



O Programa de Liderança Ecosistêmica (PLE) é uma plataforma regional inovadora que promove o aprendizado e a troca para o nosso tempo atual. Ele fornece um espaço para transformação pessoal e coletiva, levando à experimentação e à prototipagem concreta de iniciativas que permitem a evolução dos sistemas.

Ao reunir líderes latino-americanos, agentes de mudança, governo, representantes empresariais e influenciadores de diversos setores da América Latina e do Caribe, o PLE cria um ambiente único voltado para a ativação e transformação do ecossistema.

O Programa oferece uma infraestrutura facilitadora para cultivar a liderança necessária para uma transformação profunda com base na expansão da consciência individual e coletiva. Ele visa desenvolver capacidades em três áreas da Liderança Ecosistêmica: pensamento sistêmico, liderança colaborativa e participativa e confiança na ação para aprender e agir a partir do futuro emergente.

"Somos uma plataforma para transformação de sistemas com base na conscientização, organizada para construir pontes entre potenciais líderes ecosistêmicos."

Laura Pastorini, Responsável pelo Desenvolvimento e Aprendizagem PI, Uruguai

3.1

A Teoria da Mudança do PLE e sua Matriz de Transformação do Sistema

O Programa de Liderança Ecológica (PLE) visa promover a transformação regional por meio da liderança ecológica. Sua Teoria da Mudança está enraizada no desenvolvimento de capacidades de liderança em quatro dimensões principais:

1. Pensamento Sistêmico
2. Liderança Colaborativa
3. Aprendizagem pela Ação e Implementação
4. Autoconsciência

Para medir o progresso e o impacto, o PLE emprega a Métrica de Transformação Sistêmica (da sigla em inglês STM - System Transformation Metric), uma estrutura abrangente projetada para avaliar a mudança de sistemas em vários níveis: individual, de equipe, organizacional e ecológica. A STM atende a dois propósitos:

- Como uma ferramenta de diagnóstico, ajuda os participantes a avaliar suas capacidades atuais de liderança do sistema.
- Como uma ferramenta de aprendizagem, ela permite que indivíduos e organizações monitorem seu progresso ao longo do tempo.



Quadro de avaliação do programa PLE



Presencing Institute - www.presencing.org/resource/permission

Integral aos programas do Presencing Institute, como o PLE, a Teoria da Mudança facilita a capacidade dos participantes de “ver e sentir a si mesmos” como parte de um sistema maior. Essa abordagem se alinha com a ênfase de Otto Scharmer em mudar a consciência para transformar sistemas. Ela é baseada em mais de duas décadas de pesquisa e aprendizado prático sobre transformação de sistemas conduzida

pelo Presencing Institute. Ao utilizar essa métrica, o PLE pode medir efetivamente os resultados de aprendizagem e o desenvolvimento de liderança, fornecendo insights valiosos sobre o impacto do programa nos esforços de transformação regional. ([Os resultados podem ser vistos no Anexo](#)).

4. ESTRUTURA E DESENHO DO PROGRAMA

Este é um programa para líderes, agentes de mudança, agentes sociais e representantes multissetoriais de todo o continente para ativar ecossistemas e promover mudanças pessoais, organizacionais e sociais com base na consciência.

A estrutura e o desenho do programa, tanto em 2023 quanto em 2024, combinaram um ambiente multicultural e perspectivas multissetoriais com ensinamentos da Teoria U, mudança de sistemas com base na consciência e tradições indígenas da América Latina.

Em 2023, no Nirvana Hotel, Uruguai, o PLE teve o Módulo Fundacional 1 e passou 5 dias de treinamento seguindo os 5 movimentos da Teoria U, aprendendo sobre o método e seus conceitos: conhecimento e práticas que aprimoram a liderança e a transformação pessoal e conectam os participantes em uma rede para ativar o potencial ecossistêmico da região.

Este ano, no Hotel San Francisco, Chile, dois grupos sucessivos coexistiram, trocando conhecimento, aprendizados e experiências, durante nosso encontro de cinco dias: 275 participantes de todos os lugares da América Latina se envolveram simultaneamente no Módulo Fundacional 1 e no Módulo de Impacto Coletivo 2. O Módulo 1 deu boas



Módulo 1



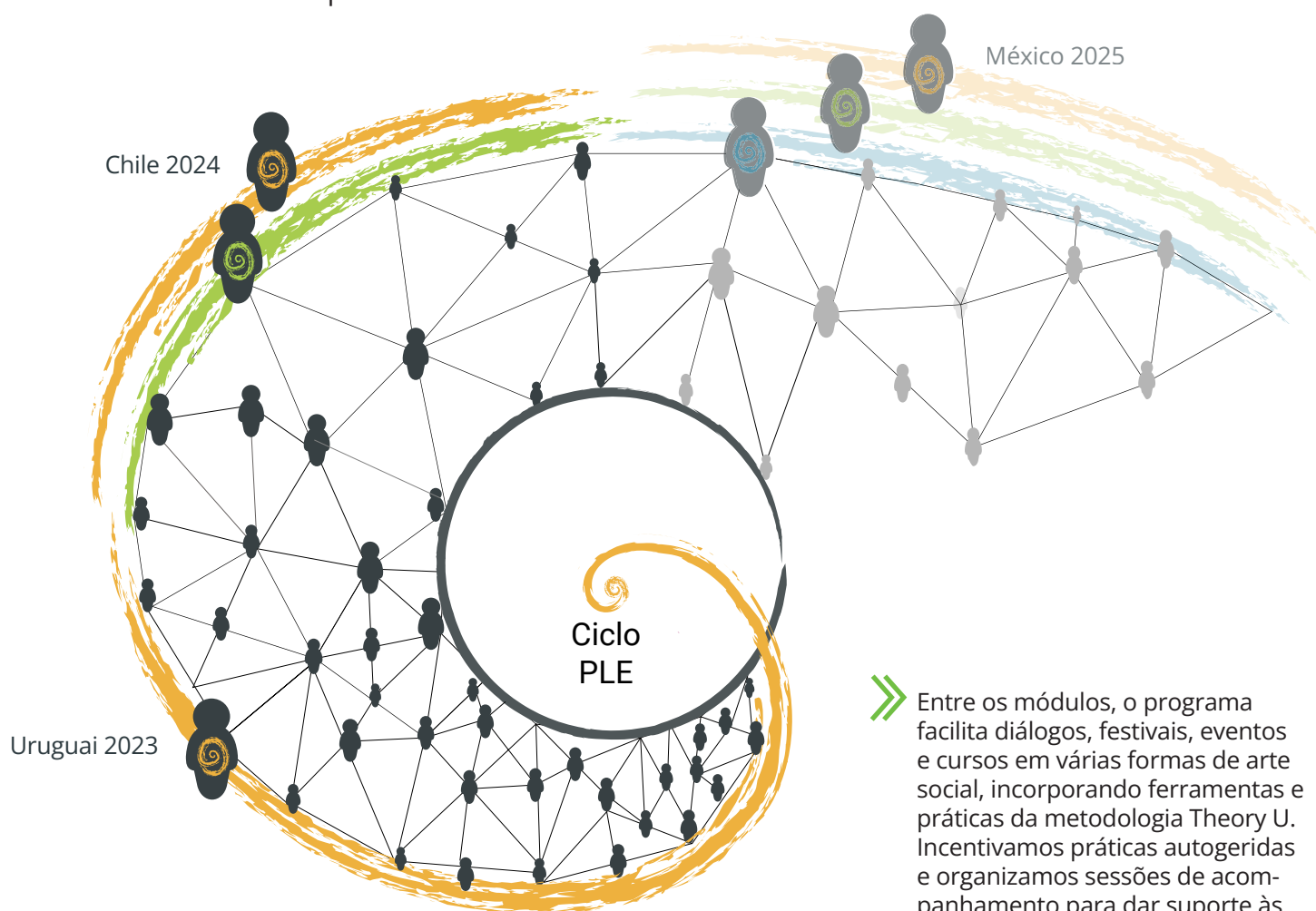
Módulo 2

vindas a novos participantes, enquanto o Módulo 2 trouxe de volta o grupo de 2023. À medida que alguns vivenciaram a transformação pessoal, quem estava no Módulo 2 se aprofundou em conceitos avançados da Teoria U, embarcando em processos de transformação coletiva visando impacto sistêmico. Eles aplicaram metodologias e desenvolveram protótipos para abordar os principais desafios regionais.

Os dois módulos tinham objetivos distintos, mas estavam interconectados por meio do fluxo e das sessões compartilhadas. Algumas sessões foram projetadas especificamente para cada módulo, enquanto outras reuniram o grupo inteiro. Todos os participantes tiveram a oportunidade de se envolver em espaços dedicados ao aprendizado e à prática individual e coletiva.

O primeiro protótipo do programa compreende um ciclo de três módulos:

- Módulo de Fundação Pessoal
- Módulo de Impacto Coletivo
- Módulo de Aprofundamento



» Entre os módulos, o programa facilita diálogos, festivais, eventos e cursos em várias formas de arte social, incorporando ferramentas e práticas da metodologia Theory U. Incentivamos práticas autogeridas e organizamos sessões de acompanhamento para dar suporte às ações e iniciativas de prototipagem desenvolvidas pela comunidade do PLE. Além disso, o MIT oferece cursos online (u-lab 1x e 2x) com outras certificações.

Grupos de cada geração se reuniram: (Módulos 1 e 2).



Os espaços cerimoniais foram guiados por anciões de várias tradições ao longo do continente.



As sessões plenárias apresentaram atividades conjuntas e conteúdo liderado por Otto, unindo todos os participantes para aprendizado compartilhado.



Os participantes formaram grupos ecossistêmicos temáticos com base em suas áreas de interesse.



Os participantes formaram pequenos grupos para atividades específicas.

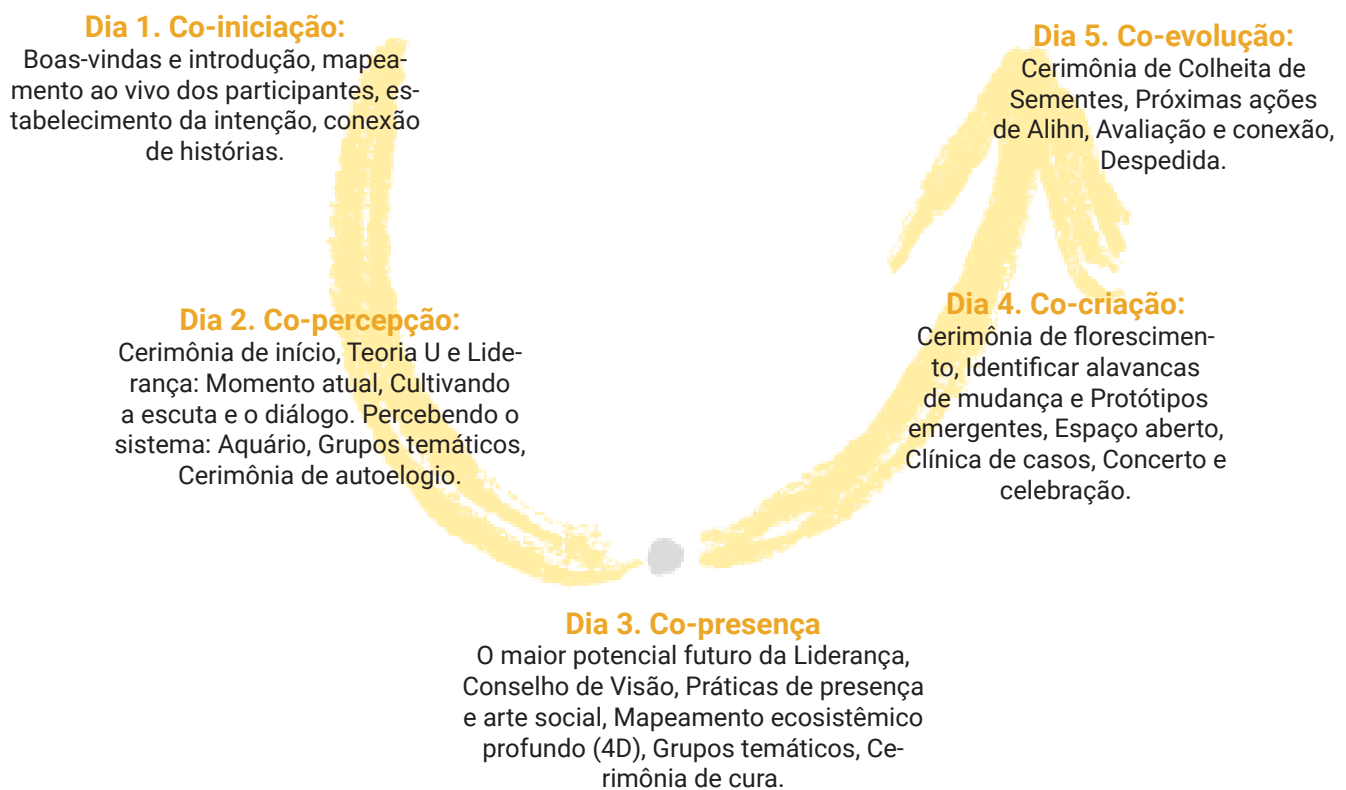


Participantes, destacado Igor Souza do Brasil, durante a prática coletiva na natureza.



Os participantes se envolveram em práticas individuais durante retiros na natureza.

Programa de formação de cinco dias centrado nos cinco movimentos da Teoria U



Programa de formação de cinco dias centrado nos cinco movimentos da Teoria U. A Teoria U propõe um marco conceitual e metodológico que desenvolve habilidades de liderança para a transformação pessoal, organizacional e social baseada na consciência.

Combina o pensamento sistêmico aplicado, a inovação social, a presença e a arte

social para abordar as causas profundas dos problemas e superar as lacunas sociais, ambientais e espirituais do nosso tempo. Na América Latina e em outras regiões, dialoga e retroalimenta conhecimentos originais, experiências e iniciativas locais, há integração de conhecimentos e ação transformadora.

4.1

MÓDULO FUNDAÇÃO 1: objetivos e desenho em 2024

No Módulo Fundacional do programa PLE, os participantes embarcaram em uma jornada inspiradora de crescimento pessoal. À medida que aprimoram sua liderança, são convidados a práticas e reflexões para “transformar primeiro a si mesmos e depois transformar sua realidade”. O Módulo cultivou a condição interna e a confiança na ação, ambas necessárias para mudar sistemas com base na consciência, despertando um profundo senso de transformação pessoal.

O Módulo oferece conceitos inovadores, ferramentas, práticas, exercícios e diferentes perspectivas e fontes de conhecimento para que os participantes apoiem uma abordagem transversal às suas realidades e campos sociais. Este ano, o Módulo Fundacional criou um espaço diverso, horizontal e participativo para autoconhecimento e florescimento de uma nova liderança.



Participante do programa em um momento de troca e conexão profunda.



“Estou aprendendo que mais abordagens, conexões, afeição e diálogos ainda são necessários para melhorar a coerência humana dentro e entre as culturas. Leva tempo, mas estamos em um bom caminho.”

Joel Maripil, Ûlkantufe (Cantor)
do Mapuche Pueblo.

» Objetivos Módulo 1: Desenvolver capacidades para mudança de sistemas, cultivar a conscientização, oferecer novas perspectivas para líderes e fortalecer a integração e ativação de ecossistemas entre os participantes para liderar a transformação em nosso continente.



Momento da 'Peixaria' e histórias com líderes de diversos origens na América Latina.

"A América Latina é um ecossistema em busca da cura e do espaço para todos e todas realizarem enormes mudanças a nível local e também global."

Viviana Galdames, docente do Presencing Institute e Fundadora da Creek e Emerge Chile.



4.2

MÓDULO DE IMPACTO COLETIVO 2: objetivos e desenho em 2024

O Módulo 2 do Programa PLE permite que os participantes aprofundem sua compreensão da Teoria U, integrem as ferramentas em sua prática profissional e criem um ecossistema para mudanças transformacionais profundas.

Este Módulo visa alcançar um impacto coletivo nas áreas de trabalho, projetos e contextos específicos dos participantes. Ao aplicar suas ideias a ações emergentes e trabalhar em uma rede com líderes, agentes de mudança e atores-chave de vários setores, níveis e contextos, estamos moldando ativamente o presente e o futuro da América Latina como uma comunidade de prática. Esta missão coletiva abraça a propriedade de cada participante e fortalece o sentimento individual de fazer parte de um movimento maior e impactante.



Participantes do módulo 2 experimentando o exercício e a prática do Teatro de Presença Social.



O Módulo 2 do Programa PLE é sobre “Aprender fazendo” e integrar-se com a natureza e o campo social.

Os participantes aplicam os conceitos e ferramentas da liderança ecossistêmica à sua prática profissional e aos ambientes onde o seu trabalho causa impacto. Eles se aprofundam na construção de um ecossistema de líderes que operam a partir de uma profunda consciência do futuro emergente e do papel que sua liderança de-



semprenha na formação desse futuro. Ao promover conexões e oportunidades de colaboração, eles geram uma comunidade vibrante de prática, que pode impactar significativamente tanto o presente quanto o futuro da América Latina e do mundo.



"Em 2023, quando fiz o primeiro módulo no Uruguai, dei um passo em direção a uma abordagem mais multissetorial; após 30 anos como CEO de uma empresa, criei a abordagem NeoLiderança. A Teoria U é fundamental no meu trabalho como um líder que está desenvolvendo uma nova indústria. No Brasil, a transição para uma nova indústria exige novas habilidades e é uma janela de oportunidade para estabelecer uma matriz energética mais limpa e mais relevante."

Alex Marson, criador da NeoLiderança®, Brasil

» Objetivos Módulo 2: Busca transformação e impacto sistêmico na prática e nos contextos dos participantes, traduzindo suas ideias em ações que impactam questões-chave para a região (protótipos).



Participantes durante a prática guiada de diário guiado.



"Concretizar parcerias para consolidar o trabalho da Sinal do Vale como um hub catalisador para uma economia regenerativa em nosso território/biorregião."

Thais Corral, Fundador e Diretor do Instituto Sinal do Vale, Brasil



Os participantes do módulo Impacto Coletivo criam juntos um altar de ações.

"A integração das distintas nacionalidades possa se sentar para dialogar, mas também na prática para construir novas formas de existência, de vivência na plenitude, na abundância e na felicidade."

**Victor Pacha, curandeiro,
Nação Aymara no Chile**



5. PLE AMÉRICA LATINA: QUEM SOMOS NÓS

O ecossistema latino americano representa a rica diversidade da América Latina e a complexidade do aprendizado e da cocriação em espaços multi ambientais. Essa diversidade na participação regional, etária e setorial cria caminhos para entidades interconectadas – empresas, organizações, comunidades, líderes indígenas, agências governamentais e indivíduos – para trabalhar a partir de suas posições únicas de poder, agência e propósito em direção a um objetivo compartilhado.

Os participantes vieram da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, Porto Rico, Uruguai e Venezuela na América Latina, juntamente com Espanha, EUA, Quênia e Países Baixos.

245 líderes

Em março de 2024, 245 líderes de 19 países se reuniram para um evento de cinco dias em San Esteban, Chile. Destes, 159 participaram do Módulo Fundacional, enquanto 86 compareceram ao Módulo de Impacto Coletivo.



Um grupo diverso, incluindo representantes de todos os contextos e setores da sociedade, juntamente com líderes indígenas e anciões de várias tradições de sabedoria, se reuniram, alinhados por mais de 100 intenções compartilhadas.



Nosso ecossistema adota uma abordagem holística à liderança que enfatiza a conscientização do sistema, colaboração e cocriação. Ele aproveita a capacidade coletiva de múltiplos atores para abordar desafios complexos, promovendo mudanças transformadoras em todos os setores.





Bolsas de estudo

Graças ao apoio de vinte e nove (29) organizações parceiras, sete (87) parceiros ecossistêmicos e um grupo de participantes solidários, indivíduos de diversos contextos, condições e regiões da América Latina puderam participar do PLE por meio de bolsas de estudo. Um total de 65 participantes (26,7%) receberam bolsas integrais, com 29,2% delas cobrindo tanto a mensalidade quanto a logística. Além disso, 63% dos participantes pagaram uma taxa com desconto e 90% se beneficiaram de alguma forma de assistência financeira.

Idade dos participantes

A faixa etária dos participantes (18 a mais de 65) garantiu diversidade de perspectivas entre gerações. O maior grupo, de 36 a 45 anos, foi responsável por 33,8% (83 participantes), seguido por aqueles de 46 a 55 anos com 23,1% (64 participantes). Também houve representação considerável entre os participantes de 26 a 35 anos (47 participantes) e uma presença notável daqueles de 56 a 65 anos (23 participantes) e mais de 65 anos (12 participantes). Os participantes mais jovens incluíram 9 indivíduos de 19 a 25 anos, com apenas um participante com menos de 18 anos.



Abiyala ou Abya Yala é o nome que alguns povos originários da América Latina usavam para se referir ao continente americano antes da conquista europeia.

Módulo 1:

Teve um total de 159 participantes de 16 países. O Chile teve a maior representação com 55 participantes, seguido pelo Brasil com 26 e México com 20. Outros países com participação significativa incluíram Colômbia (17), Argentina (14) e Uruguai (12). Países como Costa Rica, El Salvador, Espanha, Guatemala, Porto Rico e Estados Unidos.

Module 2:

Incluiu 86 participantes de 15 países, todos retornando do primeiro grupo no Uruguai, principalmente do Chile, Brasil, Colômbia e Uruguai.

Setores dos Participantes (Módulo 1 + Módulo 2)

Os participantes vieram de vários setores. A maioria estava envolvida com ONGs (65 participantes — 26,7%), seguido pelo setor privado (45 representantes — 18,3%) e independentes (41 – 16,7%). A sociedade civil ou comunidade teve 33 representantes (13,5%), enquanto o setor público teve 23 participantes (9,4%). Também houve representantes de fundações (2), universidades (2) e empresas sociais (2).

Gênero dos participantes do PLE (Módulo 1 + Módulo 2)

A maioria dos participantes usou pronomes femininos (Ella/Ela), compreendendo 169 pessoas (69%), enquanto 73 participantes (30%) usaram pronomes masculinos (Él/Ele). Apenas um participante usou um pronome neutro (Elle/Ile ou Elo), e um participante preferiu não usar pronomes. Isso reflete um ambiente inclusivo para mulheres, mas destaca oportunidades para aumentar a visibilidade e a inclusão de indivíduos que usam pronomes neutros ou optam por não usar pronomes. De grupo em grupo, o PLE continua a promover a diversidade de gênero, criando um espaço mais acolhedor para todas as identidades de gênero.

"Achei um evento altamente enriquecedor que convida à reflexão sobre questões urgentes da atualidade, como a marginalização de grupos menos privilegiados, o aquecimento global e nossa desconexão com nosso próprio espírito. Oferece uma metodologia que nos incentiva a construir coletivamente novas possibilidades. Por exemplo, o seminário proporciona acesso a uma diversidade única de biografias e experiências de vida. Reúne pessoas de diferentes territórios, culturas e gêneros, o que considero profundamente significativo no contexto dos atuais desafios globais."

M. José Ossandón, Psicólogo, Chile



5.1

O QUE CRIAMOS PARA IMPACTO SOCIAL: práticas e protótipos de grupos ecossistêmicos



Bem-estar



O grupo era composto por 53 pessoas de 10 países, principalmente pessoas do Brasil (26%), Chile (26%) e Argentina (15%). Em termos de setores, 36% dos participantes eram independentes, 23% do setor privado e 17% de ONGs.

9 PROTÓTIPOS:

1. Modelo de Gestão Participativa para Inovação Social e Bem-Estar
2. NAJ Conselho de Visão (Infância, Adolescência, Juventude)
3. Rede de Cuidados Conscientes
4. Eu Vou Comunicar
5. Não Estamos Sozinhos
6. Caderno para Florescer
7. Rede de Cura da Alma Coletiva
8. Eu Cuido de Mim e Cuido de Você
9. #BorboletaemNós (#ButterflyInUs)



Educação



No grupo Educação, 50 participantes de 9 países participaram, principalmente do Chile (36%), Brasil (16%), Colômbia e México (14% cada). Setorialmente, 30% dos participantes eram de ONGs, 24% da sociedade civil e 18% do setor privado.

8 PROTÓTIPOS:

1. Projeto Abelhas
2. Educação para o Amor, Paz e Vida
3. Educação Co-Gerenciada com Amor
4. Governança Educacional
5. Educação Intercultural
6. Metodologias e Estratégias Educacionais
7. Educação Sistêmica
8. Ensino Florescente



Negócios Conscientes



O grupo Negócios Conscientes foi composto por 39 participantes de 9 países, com a maior representação do Chile (38%), Brasil (21%) e México (10%). A representação do setor incluiu 44% do setor privado, 23% independentes e 10% de ONGs.

7 PROTÓTIPOS:

1. Feley
2. Tomada de decisão ritualizada conectada à fonte nas empresas
3. Inspirando o despertar da liderança consciente
4. Organizações para a vida
5. Repensando os acordos de origem
6. Colab
7. Alfabetização espiritual



Para promover a ação coletiva baseada na consciência, os participantes trabalharam em 6 áreas de impacto (Grupos Ecosistêmicos), prototipando iniciativas emergentes concretas em cada uma: Bem-estar, Educação, Negócios Conscientes, Democracia e Paz, Regeneração e Equidade.



Democracia e Paz



O grupo de Democracia foi composto por 22 participantes de 9 países, principalmente da Argentina (23%), Uruguai, Colômbia, Chile e Brasil (14% cada). Em relação aos setores, 41% vieram de ONGs, 18% do setor público e 18% da sociedade civil.

5 PROTÓTIPOS:

1. Nova Liderança
2. Participação Cidadã Fortalecida
3. Centro de Recuperação de Líderes Políticos
4. Modelos Alternativos de Democracia_1.5
5. Modelos Alternativos de Democracia_2



Regeneração



O grupo Regeneração incluiu 47 participantes de 13 países, com a maioria do Chile (32%), Brasil (15%) e Colômbia (11%). Setorialmente, 53% eram de ONGs, 21% da sociedade civil e 11% do setor privado. Os cinco protótipos que eles criaram foram:

5 PROTÓTIPOS:

1. Rede de Guardiões da Inspiração Bioregional
2. Dias de Aprendizagem para Financiadores
3. Vozes da Água
4. Colômbia: Culturas Regenerativas
5. Portfólio Comum



Equidade



O grupo Equidade consistiu de 20 participantes de 7 países, principalmente do Brasil (31%), Uruguai (31%) e Colômbia (19%). Em termos de setores, 25% vieram de ONGs, 19% do setor público e 19% do setor privado.

4 PROTÓTIPOS:

1. Novos Feminismos
2. Neurodiversidade e Pessoas com Deficiência
3. Neurodiversidade e Pessoas com Deficiência
4. Seu Espelho é Meu Espelho

6. PESQUISA-AÇÃO BASEADA NA CONSCIÊNCIA:

O uso de tecnologias sociais baseadas na consciência e rituais indígenas para mudanças transformacionais



Em tempos de ruptura, métodos e encontros tradicionais muitas vezes não conseguem alcançar mudanças transformadoras. Isso exige uma mudança de consciência, liderança e ação coletiva. Esta peça de pesquisa-ação explora o impacto transformador do PLE América Latina na atenção, intenção, agência e cura dos participantes.

O PLE América Latina oferece uma combinação única de Artes Sociais, rituais indígenas, práticas de diálogo e pensamento sistêmico, promovendo capacidade profunda e construção de rede. Espaços de pesquisa aplicada como o PLE facilitam a aprendizagem transformadora experiencial, a cocriação de conhecimento diverso e a identificação de padrões emergentes. Esta seção se concentra em obter uma compreensão mais profunda de como os participantes do PLE vivenciam mudanças transformadoras por meio de tecnologias sociais baseadas na consciência, como Artes Sociais e Rituais Indígenas.

O objetivo é amplificar vozes autênticas, trazer profundidade e ilustrar o impacto do programa conectando conceitos abstratos a histórias pessoais concretas de transformação, fornecendo uma visão holística das experiências vividas no PLE no Chile. Esta seção é estruturada como uma vinheta, oferecendo descrições breves, po-

rém evocativas, que capturam vividamente momentos de transformação no PLE. Oito entrevistas semiestruturadas qualitativas são analisadas através das lentes da Pesquisa-ação, aplicando a Mudança de Sistemas Baseada em Conscientização — uma abordagem que vê a transformação como uma evolução da consciência (JABSC: link). Ao examinar relatos pessoais de conhecimento em primeira pessoa e cocriação de conhecimento em segunda pessoa por meio do diálogo, iluminamos o interior coletivo dos campos sociais, o que Scharmer e Pomeroy (2024) chamam de “conhecimento em quarta pessoa”. Essa abordagem lança luz sobre experiências individuais de “liderar a partir do futuro emergente”, conforme descrito na Teoria U, e processos coletivos de realização de potenciais emergentes.

Começando com a metodologia do Teatro de Presença Social do Mapeamento 4D, esta seção se expande para incorporar várias perspectivas e práticas, como Escrita Visual, Cerimônias Indígenas, diálogo intercultural e a exploração de novas epistemologias.

[SJ1]Caixa de informações para novo artigo: <https://jabsc.org/index.php/jabsc/article/view/7909>

6.1

PRÁTICAS DE ARTES SOCIAIS PARA TRANSFORMAÇÃO DE SISTEMAS

O pensamento sistêmico avançado vai além da análise e compreensão de um sistema; ele requer sentir o sistema também. Como humanos, possuímos uma capacidade única de sentir profundamente — sintonizar com o que está emergindo e ainda não é visível (Scharmer & Pomeroy, 2024). As Artes Sociais fornecem um campo de treinamento para aprimorar essas habilidades de sentir, permitindo-nos atualizar futuros emergentes. Essas práticas, extraídas de várias formas de arte e integradas com estruturas de pensamento sistêmico, revelam mudanças sutis na consciência e tornam os padrões e dinâmicas sociais visíveis ([Social Arts: Sourcing from the Whole](#)).

TEATRO DE PRESENÇA SOCIAL: A arte de fazer um “movimento verdadeiro”

O Teatro de Presença Social (da sigla em inglês SPT - Social Presencing Theater), criado por Arawana Hayashi, é um conjunto de práticas que misturam presença incorporada, teatro de movimento, quietude e diálogo. Como uma forma de Arte Social, ele explora o potencial criativo da Teoria U e da prática da presença (presencing). O termo “teatro” se origina da palavra grega thea, que significa “um lugar para visualização”. No entanto, o SPT não é um teatro convencional. Em vez disso, ele usa posturas corporais simples, movimentos e desenho espacial para dissolver conceitos limitantes, comunicar-se intuitivamente e revelar realidades atuais e pontos de alavancagem mais profundos, muitas vezes invisíveis, para uma mudança profunda. Ele permite que um grupo ou comunidade se veja e se sinta coletivamente enquanto promulga seu futuro emergente. O SPT se destaca como um dos métodos mais eficazes desenvolvidos pelo Presencing Institute (<https://www.u-school.org/spt>).



Se você quiser saber mais sobre o uso das Artes Sociais, leia este artigo do Medium por Daniela Ferraz e equipe <https://medium.com/@danielakferraz/social-presencing-theater-in-the-ecosystem-leaders-hip-program-2024-e20372044a6d>

Escrita Generativa (Generative Scribing):
Focando na Essência e Energia
da Emergência

pessoas falam, criando uma imagem em desenvolvimento da conversa. O Generative Scribing, desenvolvido por Kelvy Bird no Presencing Institute, baseia-se na gravação gráfica tradicional, concentrando-se na essência e na energia do que está emergindo em um diálogo ou reunião. Essa prática ajuda os grupos a visualizar seus pensamentos e ideias, tornando sistemas e padrões complexos mais acessíveis e compreensíveis. Por meio do uso de cores, formas e metáforas, os escribas

generativos criam mapas visuais que refletem o fluxo e a dinâmica das discussões, aprimorando a criação de sentido coletivo e promovendo o diálogo cocriativo. O processo ressalta a importância da presença do escriba e sua sintonia com a energia e intenção do grupo (<https://www.u-school.org/visual-practice>).



6.2

O MAPEAMENTO 4D: AJUDANDO O SISTEMA A SE VER E SENTIR

Uma das principais metodologias para mudança de sistemas aplicada no PLE Chile é chamada de Mapeamento 4D. Essa abordagem combina práticas contemplativas, incorporação, Teoria U e constelações organizacionais, aplicando-as à mudança social.

Desenvolvida por Otto Scharmer e Arawana Hayashi como parte do Social Presencing Theater, esta metodologia inovadora é projetada para convidar um sistema a ver e sentir a si mesmo. Ela torna visível a realidade atual em um sistema social, como uma organização, governo ou sistema de saúde. Usamos o Mapeamento 4D com grupos que buscam novos insights sobre seus próprios sistemas e com clientes que querem explorar casos além dos formatos clássicos de diálogo.

Ao promover a consciência incorporada, os participantes assumem os papéis de principais partes interessadas, sentindo tanto a realidade presente quanto o futuro potencial de seu sistema. Esse processo envolve o coração e os sentidos, permitindo que os participantes vão além da análise intelectual e entrem em uma compreensão mais fundamentada e experiencial do pensamento sistêmico. A mudança da “escultura” inicial que representa a realidade atual para uma segunda “escultura” que descreve o futuro emergente ajuda a descobrir pontos cegos, identificar áreas de estagnação e destacar novos pontos de alavancagem. Esses insights geralmente levam à descoberta de soluções protótipos que podem gerar mudanças significativas.



Escultura 2 do Mapeamento 4D

Mapeamento 4D: Instituto Witoto e seus desafios na Amazônia Brasileira

Além de Vanda Witoto, a equipe doadora de casos para o Mapeamento 4D incluiu Sandy Witoto e Mel Mur, todas mulheres de comunidades indígenas perto de Manaus, na Amazônia brasileira. Seu foco principal é o recém-criado Instituto Witoto, uma organização sem fins lucrativos dedicada a empoderar mulheres e crianças indígenas, preservando sua herança cultural.

Antes do início do processo de mapeamento, eles descreveram o enfrentamento de vários obstáculos em sua comunidade,

incluindo falta de apoio governamental, financiamento inadequado e barreiras educacionais para crianças indígenas. Sua intenção era usar o Mapeamento 4D para entender melhor o papel do Instituto Witoto dentro do ecossistema mais amplo e explorar maneiras de fortalecer a educação cultural para as gerações futuras.

Durante uma entrevista, Vanda destacou como o Mapeamento 4D proporcionou uma mudança transformadora na compreensão do papel da organização:



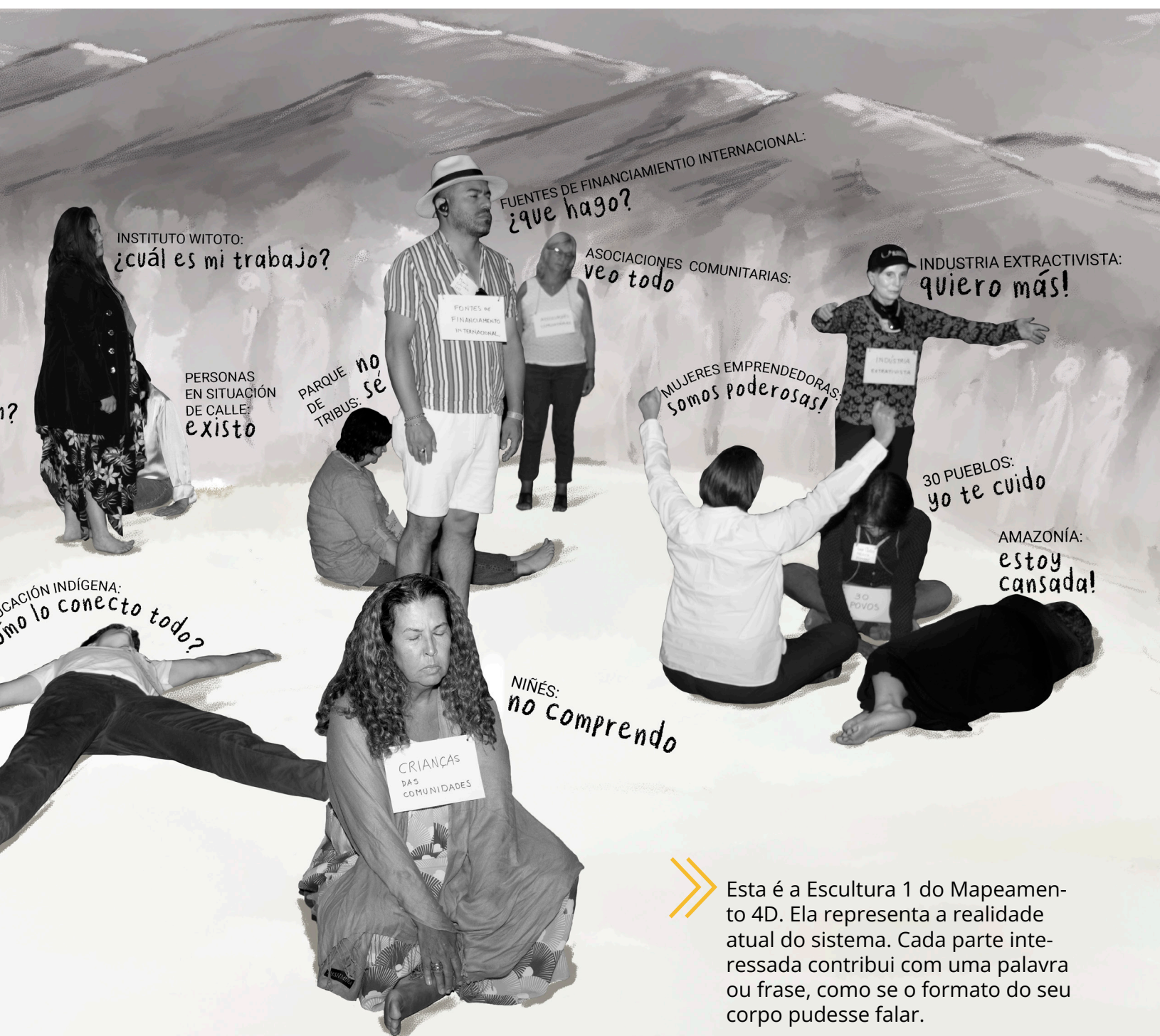
Vanda Witoto no centro, junto a Sandy Witoto à esquerda e Mel Mura à direita.

"Para mim, foi uma experiência incrivelmente profunda e complexa. O Mapeamento 4D forneceu uma perspectiva que não tínhamos visto antes, uma perspectiva que agora percebemos ser crucial. Estamos no meio da criação dos estatutos da organização sem saber onde o Instituto Witoto está localizado em todo esse sistema. O que faremos, com tantas frentes para lutar? A capacidade de desenvolver os insights do mapa 4D nos ajudou a entender melhor nosso desempenho e deu à nossa instituição um entendimento mais claro de nosso papel como mulheres indígenas."

Além disso, Vanda admite que o principal insight do mapeamento revelou uma verdade dolorosa: uma desconexão significativa entre a "juventude indígena e a educação cultural florescente" como o maior potencial futuro e o resto do sistema. Ela explicou:

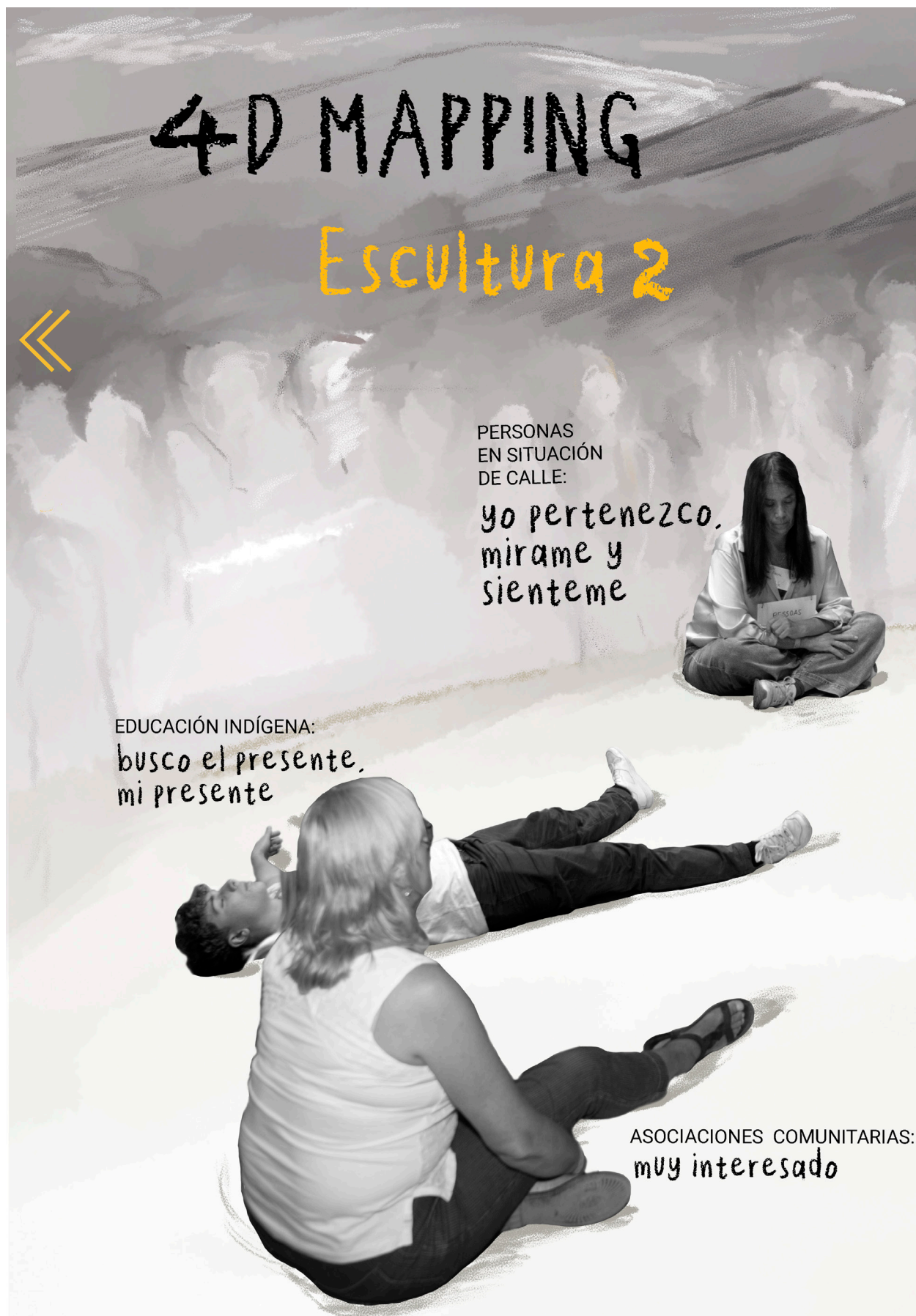
"Perceber que a organização não estava priorizando as crianças foi profundamente impactante. Ficou claro que precisamos dedicar mais tempo para trabalhar com elas como uma organização. Nosso foco principal é nas crianças e mulheres, então ver a negligência da organização com as crianças foi profundamente perturbador. O fato de que nem o estado nem a comunidade estão priorizando as crianças me atingiu duramente. Os jovens são cruciais para levar adiante nossa história, futuro e cultura, que são muito afetados pela cidade."





» Esta é a Escultura 1 do Mapeamento 4D. Ela representa a realidade atual do sistema. Cada parte interessada contribui com uma palavra ou frase, como se o formato do seu corpo pudesse falar.

Esta é a Escultura 2 do Mapeamento 4D. Representa o Futuro Emergente do Sistema. Buscamos informações visuais tais como: mudanças de nível, fechamento ou abertura de partes interessadas, e novos grupos de relacionamentos que se formaram.





FUENTES DE FINANCIAMIENTO
INTERNACIONAL: no veo

MUJERES
EMPRENDEDORAS:
gracias

PARQUE DE LAS TRIBUS:
aqui estoy

INSTITUTO WITOTO:
tienes que
ayudarme a mirar
cuantos somos

INDUSTRIA EXTRACTIVISTA:
ayúdenme a continuar que comparto

Gobierno Federal:
aún no los veo

AMAZONÍA: vuelvan !

30 PUEBLOS: bienvenidos a nuestra casa

NIÑÉS:
explíquenme todo,
puedo entender

PEQUEÑOS APOYADORES:
esto tiene que
cambiar

Refletindo sobre a integração desses dois insights, Vanda relembra seu processo de tomada de decisão para as áreas de foco do Instituto Witoto:

"Essas são decisões que precisamos tomar como uma instituição jovem. Para mim, neste momento, os dois projetos de educação infantil e empreendedorismo social para mulheres são onde precisamos focar agora, para garantir essa proteção do cuidado para as crianças, fortalecendo seu senso de pertencimento."

Dois meses após o evento, entrevistamos Vanda Witoto, para entender os impactos do mapeamento. Focamos nas mudanças nos relacionamentos e novas oportunidades que surgiram desde então. Quando perguntada se ela agora vê alguma parte interessada de forma diferente e quais desenvolvimentos ocorreram, Vanda destacou uma nova qualidade relacional com o governo, onde a colaboração tinha sido difícil anteriormente:

"Sim, refletir sobre o papel do governo — que inicialmente parecia distante, mas depois se tornou mais engajado durante o mapeamento — realmente reflete nossa experiência. Anteriormente, enfrentávamos dificuldades trabalhando com o governo como aliados; era um ator muito distante para nós. Mas agora entramos em dois diálogos importantes, um sobre educação e outro sobre treinamentos profissionais para mulheres."

Isso também reflete a segunda escultura do mapeamento, onde o Instituto Witoto

estava intimamente ligado ao governo.

Resultados do caso de mapeamento 4D do Instituto Witoto

Além de revelar pontos cegos e fornecer insights profundos sobre o papel de alguém dentro do sistema, um impacto fundamental do Mapeamento 4D é sua capacidade de construir e fortalecer conexões e relacionamentos. Ele começa mudando a própria consciência e perspectivas sobre as partes interessadas. Frequentemente, atores poderosos, como entidades governamentais, são percebidos como dominantes, negligentes ou distantes. No entanto, à medida que o processo de mapeamento se desenrola, observamos esses atores evoluindo para apoiar o bem-estar do sistema. Curiosamente, esses desenvolvimentos podem ser exemplificados no caso Witoto pelas novas colaborações com o governo para educação e treinamento profissional.

O que é intrigante sobre metodologias baseadas na consciência como o Mapeamento 4D é que seu impacto não parece se desenrolar de forma meramente linear. Em vez disso, essas metodologias aumentam a percepção e a conectividade dentro de um sistema, levando a um tipo de sincronidade que permite que potenciais emergentes floresçam — algo que talvez ainda não tenhamos o rigor metodológico para provar, mas que os relatos dos participantes ilustram vividamente.

6.3 A CONFLUÊNCIA DE DUAS FORMAS DE ARTE SOCIAL

No Chile, o processo de Mapeamento 4D foi complementado pela prática de Arte Social de Generative Scribing, que torna as dimensões sutis do campo visíveis. A entrevista com Geisa Paganini, uma das Scribes, ilustra como as formas de Arte Social contribuem para revelar potenciais futuros emergentes. No início da entrevista, Geisa menciona sua conexão imediata com Visual Scribing e Social Presencing Theater. Para ela, essas práticas estão intimamente ligadas, pois ambas são formas de prática incorporada e cada uma ajuda a aprofundar a experiência da outra.

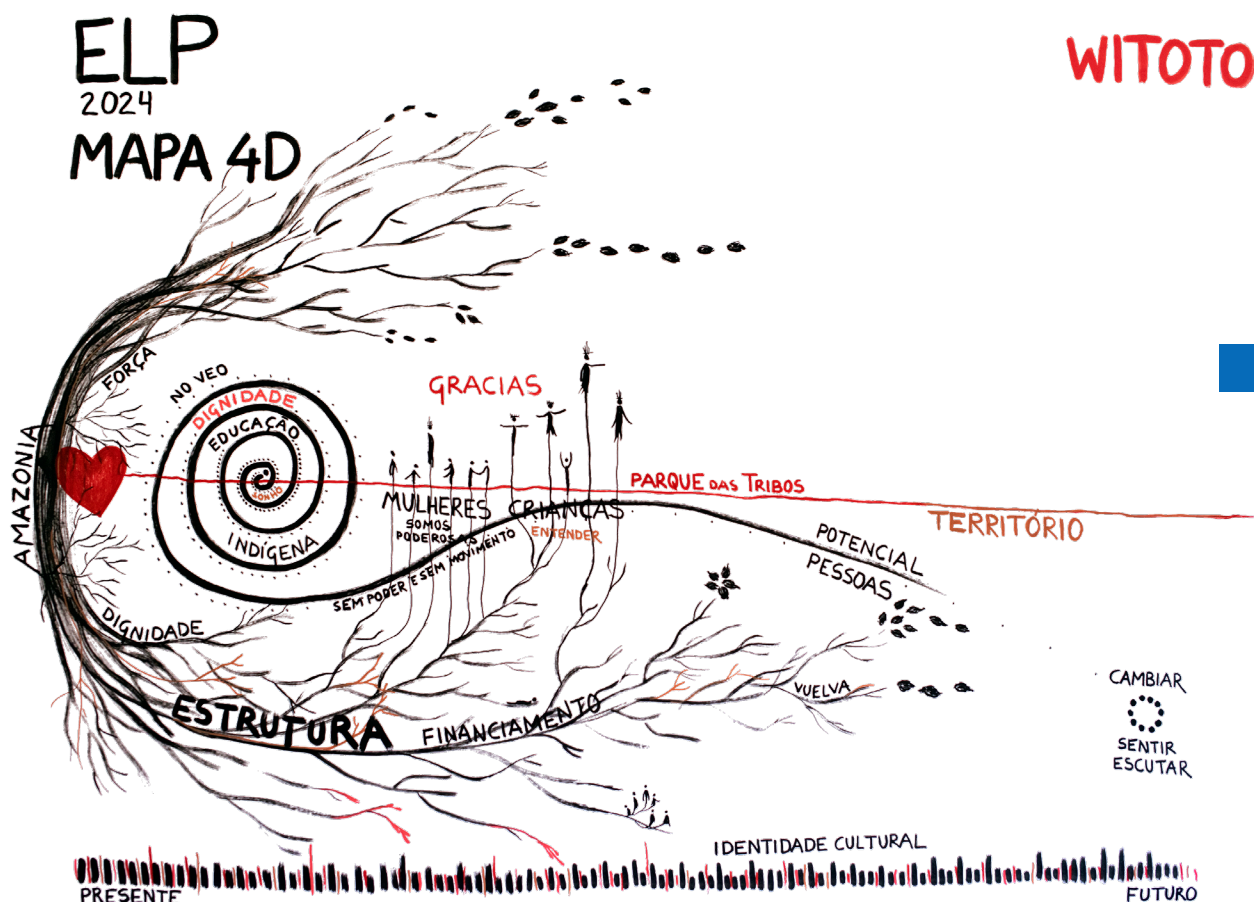
Antes do início do Mapeamento 4D Wi-



Participantes em diálogo generativo com Otto Scharmer, enquanto José Maturana faz o registro gráfico generativo da conversa.

toto, Geisa esteve diante de uma tela em branco — um momento que Otto Scharmer frequentemente descreve como uma metáfora para encarar o desconhecido e abraçar o futuro emergente. Após um longo período de espera, formas de repente começaram a emergir rapidamente no papel. A mão de Geisa desenhava instintivamente uma espiral, seguida por galhos da Amazônia. Sua mente analítica se esforçou para dar sentido ao que estava se desenrolando, incorporando o conceito de “vontade aberta” na Teoria U:

“O que aconteceu então foi fascinante porque tudo se desenrolou muito rápido. Lembro-me



Scribing Gerati-
vo do Mapeamen-
to 4D por Geisa
Paganini De Mio.

de começar com uma espiral. Minha mão simplesmente começou a desenhá-la, e terminou muito rápido. Eu não estava conscientemente decidindo desenhar uma espiral aqui ou ali; eu simplesmente coloquei a caneta no papel, e aconteceu. Depois disso, a forma dos galhos começou a emergir. Não todos eles, apenas os pontos de partida. Mas eu sabia que estava desenhando galhos. Então minha mente analítica estava tentando descobrir onde os galhos estavam conectados, mas não estava claro para mim."

Entrevistamos Paula Bares, uma participante do PLE que incorporou a Floresta amazônica no Mapeamento 4D. Ela abordou Geisa diretamente após o mapeamento e mencionou sua ressonância com a imagem do Scribing:



Parte interessada da Amazonia brinca com a forma de um C no chão.

"E quando fomos convidados a fazer a primeira forma na Escultura 1, eu queria moldar meu corpo em uma espécie de forma de C. Quando vi aquela imagem de escriba, pensei: 'Esses são todos os rios que correm para a Amazônia'. É por isso que, quando a vi desenhada, fiquei impressionado. Foi muito poderoso ver que quando o campo ressoa, ele realmente ressoa e que nós dois chegamos à mesma forma. Da minha posição, eu não conseguia ver o que a Escriba estava fazendo, e ela não poderia ter me visto porque eu nunca consegui fazer a forma com meu corpo. Talvez haja algo naquela forma que esteja nos dizendo algo que ainda não percebemos."

Essa ressonância no campo do Mapeamento 4D foi assincrônica, com Geisa recebendo a imagem como seu primeiro impulso e Paula sentindo independentemente a mesma representação visual enquanto incorporava a Amazônia. Isso deu forma e expressão a uma conexão mais profunda dentro do sistema.

Outro momento significativo de ressonância dentro do ecossistema PLE envolveu o



Pinturas faciais tradicionais Witoto com espiral (Foto de Vanda Witoto)



Espiral da formiga sagrada na Amazônia (Foto de Vanda Witoto).

símbolo da espiral. Após o Mapeamento 4D, Vanda, uma das doadoras de casos, passou pela imagem da escrita e tirou uma foto dela. Eu estava por perto e perguntei a ela quais elementos da escrita chamavam sua atenção. Ela apontou para a espiral, reconhecendo-a como um símbolo significativo dentro do processo.

"A Amazônia, onde nossa comunidade vive, é um território sagrado. Este território tem uma influência profunda em nossas vidas. Vejo a espiral no desenho como a espiral da vida. Ela representa nossa ancestralidade, força e os desafios que enfrentamos, todos interconectados e em constante movimento. A vida não é quadrada; é circular, refletindo ciclos de vida. Quando olho para este desenho, a espiral se destaca como a parte mais preciosa."

7. SETE CERIMÔNIAS INDÍGENAS AO LONGO DE CINCO MOVIMENTOS DO “U”



Na América Latina, cerimônias e rituais estão profundamente entrelaçados no tecido das culturas indígenas, servindo como práticas essenciais para manter o equilíbrio dentro da comunidade e seu relacionamento com o mundo natural. Essas tradições sagradas refletem uma conexão profunda com a terra, ancestrais e forças

cósmicas, promovendo a harmonia em todo o ecossistema. Reconectar-se a esse mundo mais do que humano é crucial para avançar em direção a culturas e práticas mais regenerativas hoje. O PLE colabora com anciões indígenas que compartilham suas cerimônias como parte da jornada transformacional.

Felipe Navarette, junto com Coral Herencia, co-criou o design das cerimônias do PLE com quatro anciões indígenas representando quatro tradições: Mapuche, Aymara, Aruni-Quechua e Maya. Eles destacam o papel das cerimônias ancestrais nos processos de transformação:

"Cerimônias ancestrais são mais do que um meio de conexão com nossas raízes e tradições; elas são veículos poderosos para fomentar empatia, sensibilidade e respeito pelo nosso ambiente e pelos seres vivos ao nosso redor. Ao mergulhar em rituais sagrados que honram a Terra e seus ciclos naturais, nos abrimos para uma dimensão mais profunda da consciência, onde o ego se dissolve e a compaixão floresce. Essas experiências transformadoras não apenas fortalecem nosso relacionamento com a natureza e nossas comunidades, mas também nutrem nossos espíritos e cultivam a sabedoria do coração."

Ao falar sobre os 'três movimentos' na Teoria U, é feita referência a 1) observar, 2) retirar e refletir, e 3) agir em um instante (Scharmer, 2016). No primeiro protótipo do PLE no Uruguai, foi interessante ver que os três movimentos de rituais antigos (1) pedir permissão, 2) convidar à cura, e 3) o desabrochar das flores, estavam trabalhando em alta sinergia para a ativação e transformação do campo social do PLE (1º relatório do PLE 2024).

Para a segunda iteração, houve um pequeno ajuste sendo feito. Foi baseado nos 'cinco movimentos' da U 1) Co-Iniciação, 2) Co-Sensação, 3) Presença (Presencing), 4) Co-Criação e 5) Co-Evolução e foi espelha-

do por sete cerimônias: 1) Limpeza, 2) Permissão e 3) Deixar ir, 4) Conselho de Visão e 5) Cura, 6) Florescimento e 7) Cerimônia da Semente.

Felipe e Coral descrevem o desenho e o propósito cocriado das cerimônias das seguintes maneiras:

Antes do início do programa, a equipe do PLE realizou uma Cerimônia de Limpeza e Aterramento. Com o propósito de limpeza para atingir o equilíbrio na mente, corpo, emoções e espírito e o reconhecimento coletivo do propósito essencial que nos une.



Cerimônia de Libertação/deixar ir por Alabaos Singers

Como parte da Co-Iniciação, Joel Maripil da Nação Mapuche no Chile liderou uma Cerimônia de Oferenda e Pedido de Permissões. Uma cerimônia coletiva significativa que busca permissão dos aspectos invisíveis da existência. Esta cerimônia visa conectar-se com o mistério, o sagrado e as forças maiores, pedindo um bom presságio para as próximas atividades. Os anciões são apresentados em humildade para solicitar orientação para o trabalho cerimonial. Sementes e flores são oferecidas simbolicamente como pagamento pelas bênçãos a serem recebidas do espírito.

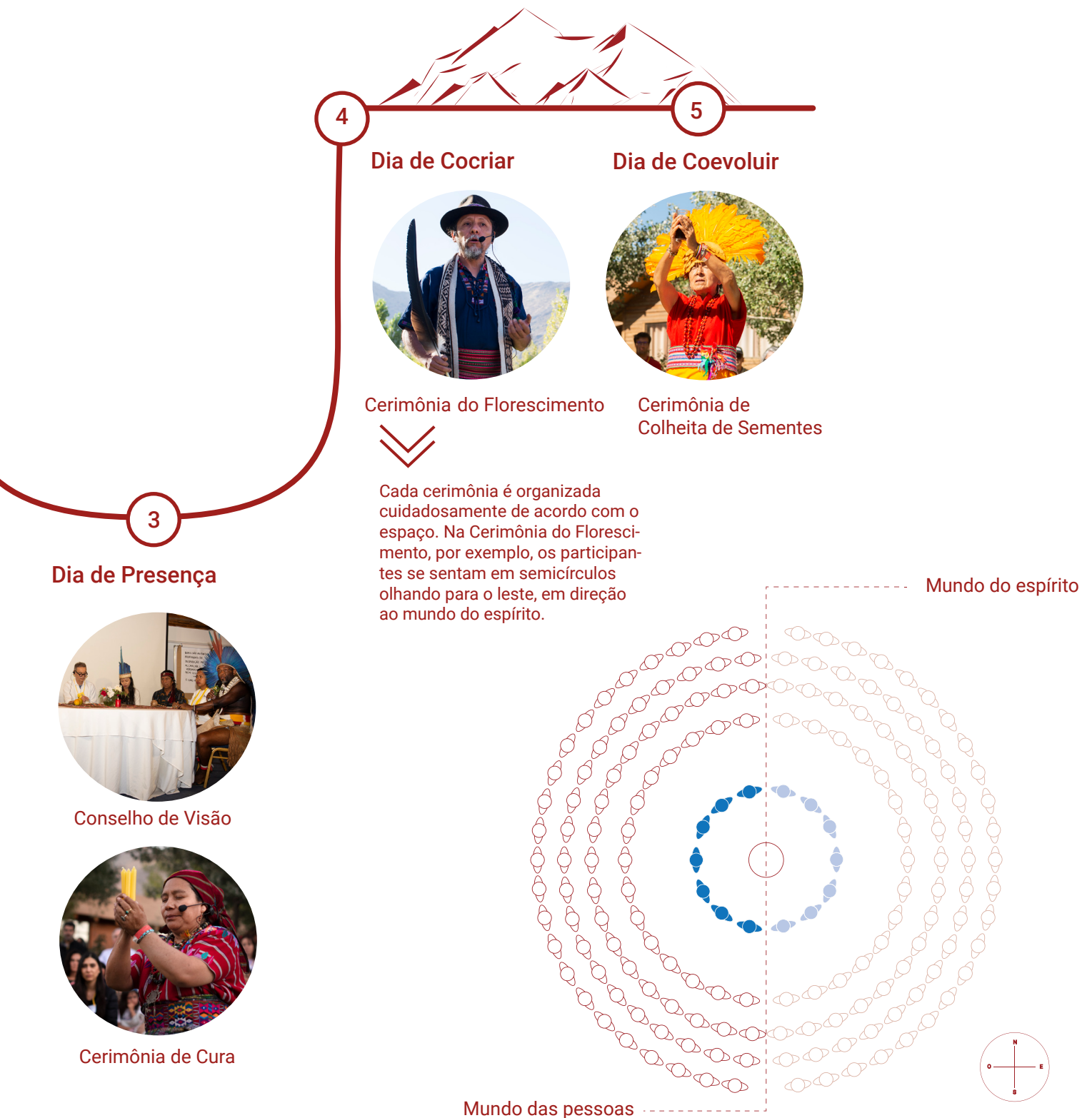
A Co-Sensação terminou com a Cerimônia de Libertação dos Cantores Alabaos, uma forma tradicional de expressão vocal das comunidades afro-colombianas, particularmente na região do Pacífico da Colômbia. Elas são realizadas durante funerais, cantadas para homenagear e lembrar o falecido, oferecendo uma expressão comunitária de pesar. Elas servem para ajudar a libertar e processar a perda.

A Presença começou com um Conselho de Visão ([veja a página de descrição 57](#)), um espaço para escuta profunda que trouxe sementes de sabedoria ancestral apoiando uma transformação significativa inspirada pela voz da Terra e práticas culturais conscientes da mudança constante e natural.



O dia foi concluído com uma Cerimônia de Cura liderada por Amalia Tum da Nação Maia na Guatemala. Ela visa guiar os participantes para uma reflexão profunda e íntima para limpar memórias de dor que impedem o crescimento pessoal. Por meio de orações cerimoniais que infundem luz nos espaços internos mais necessitados, a cerimônia promove paz e perdão. Ela serve como um espaço para regeneração interna. Para reconhecer coletivamente a ferida e infundi-la com luz, orações e canções.

SETE CERIMÔNIAS INDÍGENAS AO LONGO DE CINCO MOVIMENTOS DO «U»





Cerimônia de Florescimento liderada por Victor Pacha



No dia da Cocriação, a Cerimônia de Florescimento foi realizada pela manhã, liderada por Victor Pacha da Nação Aymara no Chile. Esta cerimônia forneceu um espaço para agradecer, abençoar e visualizar o florescimento da jornada — honrando o que foi aprendido, vivenciado e transformado. Seu propósito era conectar a comunidade, abençoar o caminho e nutrir os sonhos e a vontade de cada pessoa de continuar seu propósito de vida com gratidão e alegria genuína, promovendo um senso de pertencimento.

No final do programa, sobre a Co-evolução, Alejandrina Ayala da Nação Aruni-Quechua, Peru, liderou a Cerimônia de Colhei-

ta de Sementes. Esta cerimônia abraçou e honrou a contribuição de cada indivíduo, expressando gratidão pela comunidade que nos tornamos. Sementes de proteção são dadas para salvaguardar a unidade da equipe organizadora e para apoiar a continuidade do projeto.

Para nos aprofundarmos nos efeitos transformadores que essas cerimônias tiveram sobre os participantes, precisamos considerar o papel da pesquisa baseada na conscientização em descobrir como essas experiências profundas mudaram perspectivas e catalisaram o crescimento pessoal e coletivo.



Participantes imersos na Cerimônia de Colheita de Sementes.



Joel Maripil na Cerimônia de Permissão tocando a “Trutruca”, um instrumento tradicional Mapuche.

7.1

O CONSELHO DE VISÃO



O Conselho de Visão, como parte do Programa de Liderança Ecológica (PLE), se destaca como um momento crucial de transformação. Essa metodologia indígena, enraizada na escuta profunda e na sabedoria ancestral, ajudou os participantes a transcender o diálogo intelectual, acessando uma profundidade espiritual coletiva. Como Victor Pacha, da Colômbia, explica: *“Essa maneira de se reconectar com as forças da Fonte Natural Original está surgindo. Há pessoas com boa vontade e boas intenções que estão se engajando no diálogo e na reconexão para reconstruir o conhecimento que pertence a toda a realidade — não apenas aos humanos, mas aos mundos mineral, vegetal, animal, humano e espiritual.”*

Neste contexto, o Conselho de Visão convidou os participantes para um espaço de ressonância com o que as tradições indígenas chamam de “palavras de Origem”, como descreve Amalia Tumxinico, da Guatemala: *“Durante muitos anos, aprendemos a importância desses espaços de diálogo, que nos permitem o contato com uma palavra de Origem; cada comunidade guarda uma palavra-semente que pode nos ajudar a encontrar e sustentar o Bem Viver.”*

No Chile, o Conselho de Visão reuniu oito representantes indígenas de várias regiões da América Latina, junto com Otto Scharmer, para refletir sobre uma questão profunda: *“Quais são as fontes profundas de*



Miguel, representative of the Arhuaco people in the Sierra Nevada of Colombia, participating in the vision council

inspiração para alcançar o verdadeiro Bem-Estar - o 'Sumak Kawsay' (Quechua) ou o 'Küme Mogen' (Mapuche) - e como ativá-los?"

O diálogo começou com participantes brasileiros compartilhando histórias dolorosas de violência, escravidão e perseguição enfrentadas por comunidades indígenas. Essas histórias, compartilhadas em um ambiente sagrado e seguro, permitiram que os participantes confrontassem suas próprias emoções — seja raiva, tristeza ou medo — criando uma ponte entre a cura pessoal e coletiva. Amalia Tumxinico enfatizou que o PLE representa *“um chamado à harmonização em direção ao equilíbrio e ao Equilíbrio do Ser Humano”*.

Ao longo do conselho, os participantes destacaram a presença do sagrado nas Américas, simbolizando as conexões espirituais e ancestrais que unem os povos

indígenas. Eles compartilharam conhecimentos antigos sobre equilíbrio e respeito na natureza, enfatizando a urgência de preservar essa sabedoria para o benefício de todos.

Alejandrina Ayala, do Peru, capturou um conceito central de bem-estar indígena: *“Nós somos os que desapareceremos se não cuidarmos de nós e de nossa terra, porque este é nosso lar único. Então, para mim, este Conselho de Visão é um retorno ao nosso interior, aos nossos genes, e para nós, a cura está aqui.”* Esta perspectiva se alinha com o foco da Theory U em presenciar - a ideia de ir para dentro para ouvir o futuro emergente - conectando a cura pessoal dos participantes à sabedoria ancestral maior de suas comunidades. defesa de uma jornada interior profunda para descobrir e ativar fontes profundas de inspiração e transformação.

Para muitos participantes, esse processo foi transformador porque exigiu mais do que engajamento intelectual. Ele ativou uma consciência mais profunda e incorporada, onde sentimentos de vergonha, medo ou tristeza se tornaram oportunidades de cura. A reflexão de Otto Scharmer sobre a “vergonha pela violência e falta de respeito na sociedade de hoje” ressoou com essa noção de transformação baseada na consciência. Seu reconhecimento desses sentimentos abriu um caminho para a cura coletiva e a reconexão com a sabedoria ancestral, um processo que foi iniciado, mas não limitado ao próprio Conselho de Visão. O conselho ressaltou a relevância de honrar e aprender com as tradições para construir um futuro mais equilibrado e harmonioso.

Victor Pacha refletiu mais tarde sobre os desafios de implementar tais conselhos em grupos diversos não familiarizados com essas práticas. Ele observou que, embora o design geral fosse promissor, ele exigia ajustes finos para superar as diferenças culturais e preparar adequadamente os participantes para as experiências profundas que esses conselhos evocam. A intensidade das emoções que surgiram — medo, raiva e tristeza — destacou a profundida-



de do processo de cura. Essas emoções frequentemente apontavam para feridas não curadas, tanto pessoais quanto coletivas, que exigiam intervenções espirituais e energéticas para ajudar os participantes a navegar e processar suas experiências.

O Conselho de Visão exemplifica o comprometimento do PLE em integrar metodologias indígenas ao desenvolvimento de liderança. Ao tecer essas tradições no programa, o PLE promove uma compreensão mais profunda do bem-estar e da interconexão, transcendendo limites culturais e geracionais.





Ação Poética Social

Poesia Social - resultado da aplicação do Método de Poesia (Re)Generativa aos conteúdos gerados pelos participantes após o PLE Chile 2024 Conselho de Visão:

O Poema

Download

No abraço da memória, o Mundo vê o que queremos ser: vulnerabilidade (compartilhada), diferença (respeitada).
No Território, a passagem do tempo ilude o preconceito e habita o momento.
Se um rio seca, meu sangue vai embora,
e eu libero, exausto, o ego.

Percebo

Na humildade da Terra eu avanço firme, pequeno, conectado.
Plena coerência do ser.
Eu amo a maravilha e sua liberdade!
Minha bondade é sua, vestida de luz e sombra,
duas almas: uma inocência.
Mas...
Para onde vou com tanta pressa?
Eu me acalmo, sem congelar.
Eu desligo minha mente. Eu ligo meu sentimento.
Eu escuto...
... a fonte está dentro.
Eu sigo o fogo interior.
Eu abro meu coração. Eu confio na vida.
O que resta
é Transformação Profunda.

Testemunho

Cadência de infâncias e ancestrais,
fonte latente e imensa de futuro.
Sua presença ordena e amadurece. E, no silêncio da linguagem da vida,
há coragem de retornar:
ao lugar onde somos felizes
à noite do ventre da grande mãe
à espiritualidade uterina
à origem do limite.



E, na experiência do vazio,
emerge o ritmo:
dos ciclos naturais,
da intuição,
da diversidade,
do respeito.

Cristalizar

Segurar a dor na compaixão:
um presente-remédio que cura
do passado.
Curar as raízes para nutrir a Terra
e semear as melhores sementes
de crianças que são professoras.
Cultivar algo muito maior que
nós.
Ser uma gota de chuva única
e igual a todas as outras.
Vamos nos encontrar na canção!,
no riso!
na vibração!
Vamos ser um! Vamos ser magia!
Vamos ser amor!
E no diamante claro,
a luz da alegria e da
beleza entrará,
para construirmos juntos a vida
mais deliciosa.
Vamos acordar para a verdade de
quem somos:
ancestrais da humanidade.

Protótipo

Há um acordo sagrado
em estar presente para a vida.
Há uma plenitude vital
em fazer comunidade.
O círculo de amar e servir
distribui poderes, ativa memó-
rias,
grita força feminina,
e inspira a tecelagem do possível
com encontros e afeições.
A sacralidade do cosmos
deve ser honrada.

Representar

Amor: tecnologia antiga.
Abraçar: arte da reciprocidade.
O relógio cosmológico em fluxo
caórdico
dança e canta. O espírito é alegre.

Sumak Kawsay.

*Organizadora do conteúdo poético:
Maria Dulce Subida*

7.2

CURANDO TRAUMAS COLETIVOS



Rodrigo González da Costa Escalada no final da cerimônia do Florescimento.

A crescente atenção ao trauma coletivo e seu papel nos processos de transformação destaca a importância de abordar feridas profundas para promover uma mudança social genuína. Como Thomas Hübl (<https://thomashuebl.com/es/>), enfatiza, a liberação de estruturas ultrapassadas — tanto individual quanto coletivamente — é crucial para abraçar um futuro emergente (Social Innovations Journal, 2019, ‘Collective Trauma and Collective Healing: Insights from Thomas Hübl’). Abordar e curar esses traumas profundos cria a base para uma consciência mais integrada e progressiva. Como o símbolo da espiral, esse processo começa com a cura pessoal e então se expande para a ação coletiva.

Rodrigo, el participante más joven en el Programa de Liderança Ecosistêmica (PLE) com apenas 16 anos, oferece visões poderosas sobre o potencial transformador desse processo de cura. Suas reflexões, particularmente sobre sua experiência com traumas pessoais e coletivos, fornecem uma janela única sobre como essas metodologias promovem mudanças profundas. Durante o Conselho de Visão, Rodrigo encontrou uma profunda realização sobre um trauma coletivo que ele carregava sem saber:

“Durante aquele dia de Presencing [Presença/Presencing], vivi vários momentos de virada.



Um momento significativo foi no Conselho de Visão, onde descobri uma culpa oculta sobre a colonização que eu não tinha percebido antes. Eu sempre brincava com um amigo aqui no Chile sobre se eu era um colonizador. Mas, no Conselho de Visão, isso me atingiu de repente. Eu percebi que carregava essa culpa e comecei a chorar.”

La transformación central ocurrió durante A transformação central ocorreu durante a Cerimônia de Cura, onde por meio de orações cerimoniais a luz é infundida nos espaços internos necessitados. Como mencionado antes, esta cerimônia pretende promover a paz e o perdão e serve como um espaço para a regeneração interna. Rodrigo compartilha seu ponto de virada pessoal e processo de cura que ocorreu na cerimônia da seguinte forma:

“Meu verdadeiro ponto de virada veio durante a Cerimônia de Cura. Naquele momento, perce-

bi que minha razão de viver não era suportar o fardo de uma cultura que havia destruído algo lindo e nos desconectado de nosso criador e de nós mesmos. Em vez disso, entendi que precisava transformar essa culpa em gratidão. Não se tratava de me desculpar por tudo que minha cultura ocidental e colonial havia feito. Em vez disso, eu precisava ser grata pelo sofrimento suportado pelos povos indígenas, que me permitiram estar aqui hoje, aprendendo com este programa e percebendo meu amor pela natureza e por essas pessoas. Chegar a essa conclusão em uma idade tão jovem, com tanto pela frente, parece profundo.”

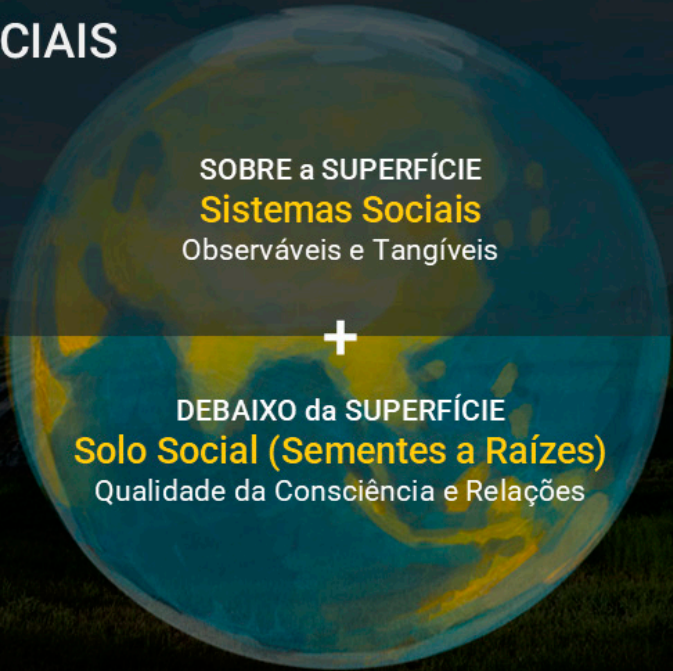
A jornada de Rodrigo, de desenterrar a culpa inconsciente para transformá-la em gratidão, reflete o poder dos processos de cura coletiva dentro do PLE. Sua história ilustra como confrontar e curar traumas coletivos pode não apenas liberar fardos emocionais, mas também promover uma conexão mais profunda consigo mesmo, com os outros e com o mundo natural. Em linha com os insights de Hübl, essa jornada da culpa para a gratidão simboliza uma mudança em direção a uma forma de ser mais integrada e harmoniosa, onde a cura pessoal contribui para o processo mais amplo de transformação coletiva.



7.3

A CONECTIVIDADE DO CAMPO SOCIAL

CAMPOS SOCIAIS



SOBRE a SUPERFÍCIE
Sistemas Sociais
Observáveis e Tangíveis

+

DEBAIXO da SUPERFÍCIE
Solo Social (Sementes a Raízes)
Qualidade da Consciência e Relações

“As mudanças tangíveis que observaremos em nossos sistemas sociais— Rumo a uma maior qualidade regenerativa e consciência do ecossistema— Dependerão do que cultivarmos coletivamente abaixo da superfície: nosso Solo Social, nutrido e cultivado pela qualidade de Consciência e relações que fomentamos (Otto Scharmer no ELP LATAM 2024)”

Outra experiência transformadora que destaca o poder dos rituais indígenas no campo social no PLE é a de Caro Muñoz. Na Cerimônia da Colheita de Sementes, ela sentiu uma sensação palpável de uma ‘força coletiva’ se expandindo dentro do campo social, fundamentada nas inúmeras conexões feitas ao longo dos cinco dias do PLE:

“E no final do evento, na cerimônia final, a sensação da força coletiva foi extremamente forte. Lembro-me de dizer ao meu amigo: ‘Isso é muito poderoso’. A sensação era incrivelmente

energética, estar na natureza, nas montanhas. Éramos um grupo humano com enorme força de vontade, amor e afeição. Essas são as coisas que vêm à mente — o número de conexões que já tínhamos feito. Então, há um salto de chegar a um lugar onde você pode conhecer algumas pessoas para conhecer muito mais. E isso começa a se expandir rapidamente.”

É muito difícil medir o nível de consciência em um coletivo - mas um indicador é a profundidade das conexões que são geradas no campo social, disse Otto Scharmer no PLE. A entrevista com Enrique Guillermo



San, um agente de mudança no campo da regeneração da Argentina, destaca como as Cerimônias de Cura e Florescimento contribuíram para mudanças importantes e para a qualidade do campo social no PLE:

Para mim, um momento específico que aprofundou a dinâmica do grupo foi a transição da noite passada para esta manhã, com a alegre cerimônia Maya. Foi muito alegre e terna, na natureza, com fogo. Foi um grupo onde a liderança era muito genuína, muito feminina, muito sutil, muito amorosa e muito terna. Algo despertou ali que acredito que foi fortalecido e atingiu seu pico de expressão na Cerimônia de Florescimento de hoje com os abraços. Os abraços de hoje, para mim, marcaram o ápice de uma transformação no campo social. Ambas as cerimônias foram em um contexto natural, com muito contato de pele, descalças, uma sob a lua e a outra sob o sol. Acho que há um potencial ali que muitas vezes não vemos. Essa jornada da noite passada para hoje atingiu a expressão máxima do campo social.

Otto Scharmer disse no PLE que, embora seja difícil medir a consciência, isso geralmente se reflete no aprimoramento das conexões. As observações de Enrique ilustram como as cerimônias criaram um espaço para conexões mais profundas, expressas pela simplicidade e calor de um abraço — uma ação física e natural. Isso destaca o profundo impacto dos rituais indígenas no fomento de um senso de pertencimento e interconexão, aprimorando a consciência coletiva dentro do grupo.

Por meio dessas experiências, os participantes não apenas se envolveram em transformações pessoais, mas também contribuíram para um campo social dinâmico que prosperou na conexão genuína, vulnerabilidade compartilhada e na energia coletiva de amor e apoio. O poder desses rituais não está apenas em seu significado cultural, mas em sua capacidade de catalisar mudanças relacionais profundas que fortalecem indivíduos e comunidades.

7.4

O REEMERGÊNCIA DA SABEDORIA ANCESTRAL E SEU PAPEL DENTRO DO PLE

Logo após a conclusão do PLE, tivemos a oportunidade, junto com Otto Scharmer, de entrevistar dois anciões indígenas cujas contribuições foram cruciais para manter o espaço cerimonial durante todo o programa: Amalia Tum da Nação Maia da Guatemala e Alejandrina Ayala da Nação Aruni-Quechua do Peru. Em sua entrevista, ambas discutem a compreensão cíclica da vida e o ressurgimento da sabedoria e práticas indígenas para se reconectar com o eu e a natureza, restabelecendo assim um relacionamento mais harmonioso. No início, Otto pergunta aos dois anciões sobre o momento atual que estamos vivenciando coletivamente: O que está terminando e o que está começando? E por que estamos nos reunindo agora no PLE? Alejandrina responde explicando que o mundo opera em ciclos e, nesta nova era, a cosmovisão indígena está se regenerando. Ela recita um poema que reflete essa compreensão:

“O mundo é feito de ciclos, e a vida abrange séculos e eras, não é? Quando os avós viveram a chegada das influências ocidentais, que foram devastadoras, eles costumavam

dizer que nos regeneraríamos como a quinoa. A semente da quinoa, embora pequena, é parte de uma grande planta que produz milhares de sementes. Isso sugere que nós, da América



do Sul, de Abiyala, nos multiplicaremos como sementes de quinoa e traremos um novo Pachacuti — uma nova era. Os incas sempre acreditaram em ciclos: períodos de luz seguidos de escuridão. Eles entenderam que a vida alterna entre esses ciclos — feminino e masculino, feminino e masculino. É por isso que nossas tradições frequentemente refletem esse padrão alternado. Existem ciclos, e o ciclo escuro, ou Pacha, dura cerca de 500 anos. O período de escuridão com o qual estamos familiarizados terminou em 1992. A nova semente foi plantada naquele ano, mas leva tempo para crescer.”

Luego Amalia comparte su perspectiva em uma nova era, onde a Terra está nos dizendo que ela não precisa de seres humanos; em vez disso, nós, como seres humanos, precisamos da Terra. Agora é a hora dos humanos se reconectarem conosco mesmos e com a natureza:

“Da minha cosmovisão maia, houve um período global chamado 13 Baktun, marcando o fim de um ciclo. Como a avó Alejandrina explica, todas as visões de mundo são cíclicas, assim como os humanos. Para este momento atual, a cosmovisão maia fala de um novo amanhecer. Enquanto alguns podem vê-lo como o fim do mundo, aqueles de nós que praticam a espiritualidade maia o veem de forma diferente — não é o fim, mas o começo de uma nova era.”



Para Amalia, a complementaridade de ambas as cerimônias e aprendizado acadêmico no PLE se destacou:

“Para mim, vindo da Cosmologia Maia, esta abordagem sistematizada como a Teoria U e programa como o PLE é muito significativo porque tem o potencial de alcançar a mente de muitas pessoas e promover a consciência de que precisamos. Ela nos ajuda a retornar à essência de quem somos, a apreciar a capacidade dos seres humanos de receber e dar amor ao mundo ao nosso redor. Então, no ano passado, no PLE, foi a primeira vez que me envolvi em cerimônias e aprendizado acadêmico simultaneamente. Sempre participei de eventos espirituais e ajudei pessoas, mas esta foi minha primeira experiência com esse tipo de evento estruturado.”



A NECESSIDADE DE UM “PENTUKUN” ENTRE CULTURAS PARA UM “BEM VIVER”

Joel Maripil é um “ülkantufe”, um cantor e contador de histórias de Kechokawin, uma comunidade Mapuche em Araucanía, perto de Temuco, Chile. Ele liderou a cerimônia de abertura e ofereceu suas canções ao PLE. Suas palavras fornecem uma reflexão profunda sobre os caminhos divergentes de conhecimento e sabedoria tomados pelas culturas indígenas e ocidentais:

“Bem, nossas culturas seguiram caminhos diferentes, e é por isso que nosso conhecimento difere. Os povos indígenas se concentraram em entender a biodiversidade, ouvir sons e observar os comportamentos de todos os tipos de seres — tanto aqueles que se movem quanto aqueles que não se movem. Essa abordagem levou o mundo espiritual a confiar nesses seres humanos, colaborando com eles para aprendizado e sabedoria por meio de sonhos. A sabedoria dos povos indígenas é de um nível muito alto. Ela permanece fora de alcance se tentarmos en-

tendê-la apenas com a mente, sem ouvir o que o coração diz. Caso contrário, permanece um sentimento interior que não é ouvido. Quando a mente não ouve o coração, ela carece de sensibilidade e se torna insensível. Como resultado, uma abordagem puramente mental ao ensino levou a abuso, lágrimas, solidão e tristeza, porque o coração não foi ouvido.”

Joel enfatiza a importância do ‘pentukún’, um conceito Mapuche de realmente ver e entender um ao outro, como uma forma das culturas ocidentais e indígenas se envolverem em um diálogo significativo e colaboração no futuro. Este profundo entendimento mútuo é essencial para construir um caminho compartilhado em direção a uma “boa vida” ou “bem viver”

“O que precisamos ter entre as culturas é o que chamamos em Mapuche de ‘pentukun’. ‘Pentukun’ significa olhar para este vidro. ‘Pen’ é ver, ‘tukún’ é “colocar um olhar”. Nós, humanos, somos todos óculos, mas não nos importamos em olhar. Nós Mapuche fazemos isso, através da conversa, olhamos dentro um do outro. Depois de nos vermos, podemos conversar ou atender a uma necessidade minha, seja pedindo ou oferecendo algo ao outro. Não haverá abuso; haverá apoio, fraternidade, felicidade, e isso se chama “buen vivir”, o bem viver. É isso que as culturas ocidentais e os povos indígenas precisam fazer. Eles precisam se encontrar assim num Pentukun, perguntar um ao outro profundamente, chegando ao âmago de cada um. Só então eles poderão entender e ver o caminho juntos, para construir o caminho para uma vida boa.”



Posso desfrutar da música de Joel no seguinte link: [Ko Ñi Ñi - Canto del Agua \(Llallipun\)](#).



A NECESSIDADE DE NOVAS EPISTEMOLOGIAS

Qulliri Víctor Pacha Landaeta, do Pueblo Aymara no Norte do Chile, foi o quarto ancião indígena que liderou a Cerimônia de Florescimento. Ao explorar a complexa interação entre a sabedoria indígena e os sistemas de conhecimento ocidentais dentro do programa PLE, o conceito de ‘repensar epistemológico’ surge como uma necessidade crítica, fomentando a abertura no diálogo entre culturas e suas práticas:

"Um termo que pode ajudar a refletir sobre isso é "repensar epistemológico", uma nova epistemologia. Acho que essa é a base fundamental para abordar essa questão concretamente. Não se trata de apagar tudo no conhecimento humano. Há coisas que devem ser mantidas e outras que não devem. O importante é limpar certos conteúdos que são movimentos erráticos, provados como um loop de conhecimento intelectual principalmente enraizado no pensa-



mento racional. Portanto, ao trabalhar com povos indígenas, deve haver tal abertura que não signifique que os povos indígenas imporão suas visões aos ocidentais para fazê-los entender as coisas. Mas não há como entender e vivenciar as visões de mundo a não ser vivendo-as. Elas não podem ser transcritas ou traduzidas se não se faz parte delas. Elas refletem o fluxo dinâmico da vida que está sempre em movimento. Então, os mais velhos descobriram que, em vez de produzir uma linguagem escrita, eles trabalhavam com símbolos, semiótica, arquétipos e tudo o que envolve linguagem universal, direta e intuitiva, porque não é bom ou ruim, é imediato. Este exemplo mostra a diferença em como aprender a pensar e sentir essas visões. Assim, a questão da epistemologia é muito importante."



Participantes refletindo
e colhendo em
pequenos círculos.

8.

CONCLUSÕES:

O QUE ESTÁ EMERGINDO NO PLE ATRAVÉS DESTA LENTE DE PESQUISA-AÇÃO BASEADA NA CONSCIÊNCIA?

Diante dos complexos desafios globais de hoje, frequentemente descritos como uma Policrise, novos paradigmas estão surgindo, caracterizados por uma profunda interconexão entre as dimensões pessoal, coletiva e ambiental e suas divisões. Esses cenários transcontextuais exigem estratégias cocriativas para aprimorar o aprendizado mútuo em todos os níveis. Trazer a consciência dos hábitos do passado para o momento presente nos permite aprender coletivamente como permanecer e cocriar com o que está surgindo, o que exige uma mudança na consciência.

Sempre começando com uma investigação, perguntamos: **‘Como podemos cultivar uma consciência e presença mais profundas para ver e sentir coletivamente as causas raízes do nosso momento atual?’** Para permitir essa visão e percepção coletivas, as tecnologias sociais baseadas na consciência desempenham um papel crucial na facilitação desses espaços de espera e na habilitação de mudanças na consciência — mudando a atenção do ego para a ecoconsciência — ao mesmo tempo em que apoiam uma abordagem

mais interconectada e holística para a mudança de sistemas. Para criar esse espaço de contenção único, o PLE América Latina combina artes sociais, rituais indígenas, técnicas de diálogo e atividades de pensamento sistêmico para encorajar mudanças transformadoras e fortalecer o processo de construção de movimento.

O Visual Scribing desempenhou um papel crucial em tornar a qualidade do campo social mais visível durante a prática do Mapeamento 4D. Ele revelou imagens e símbolos profundamente interligados com o que estava emergindo coletivamente, conforme demonstrado pela personificação das partes interessadas 4D da Amazônia. Para o povo Witoto, o símbolo espiral tornado visível no Scribing representa a interconexão de todas as formas de vida e reflete uma compreensão cíclica da vida. Ao mesmo tempo, essa imagem espiral aponta para o ressurgimento da sabedoria e das práticas indígenas como uma forma de se reconectar com o eu, a comunidade e a natureza.

Os rituais indígenas provaram ser espaços transformacionais significativos no PLE América Latina. Lideradas por anciões indígenas, essas práticas são mais do que apenas um meio de se conectar com as tradições; eles servem como veículos poderosos para promover a cura individual e coletiva, fortalecer conexões dentro do campo social e se alinhar com o ambiente terrestre e reinos mais que humanos. O Conselho de Visão destacou a necessidade urgente de mudança e reconexão com tradições ancestrais e sabedoria atemporal para enfrentar a Policrise. Como os anciões indígenas enfatizam, essas práticas interculturais também exigem “repensar epistemológico” e compreensão mútua, essenciais para o diálogo e colaboração interculturais.

Os padrões identificados na Pesquisa-Ação Baseada na Consciência do programa PLE América Latina sugerem um paradigma emergente que busca abordar desafios globais complexos por meio de abordagens holísticas, inclusivas e alinhadas à natureza. Este paradigma enfatiza a integração de diversos sistemas de conhecimento e a importância da transformação interna juntamente com a ação coletiva externa, promulgando a liderança ecossistêmica. As mudanças tangíveis que observaremos em nossos sistemas sociais — em direção a uma qualidade mais regenerativa e consciência ecossistêmica — dependerão do que cultivamos coletivamente abaixo da superfície: nosso Solo Social, nutrido e cultivado pela qualidade da consciência e dos relacionamentos que promovemos (Otto Scharmer no PLE América Latina 2024).





Momento final de encerramento da Cerimônia de Colheita de Sementes.

Anexo

Avaliação das capacidades de liderança fortalecidas no PLE

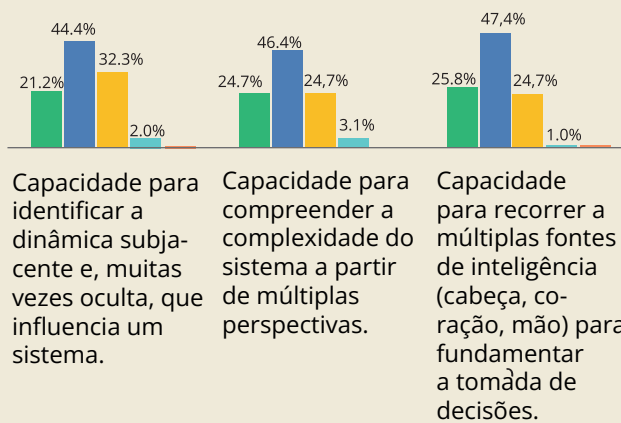
A Métrica de Transformação Sistêmica (da sigla em inglês STM - System Transformation Metric) é uma estrutura abrangente projetada para medir a mudança de sistemas em vários níveis, incluindo o indivíduo, a equipe, a organização e o ecossistema. Ela permite que indivíduos e organizações avaliem suas capacidades atuais para li-

derança de sistemas e acompanhem seu progresso ao longo do tempo. Com a Teoria da Mudança do PLE, medimos os resultados de aprendizagem e as capacidades de liderança em quatro dimensões: Pensamento Sistêmico, Liderança Colaborativa, Aprendizagem de Ação e Transformação de Ideias em Ação, Consciência.

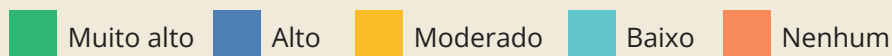
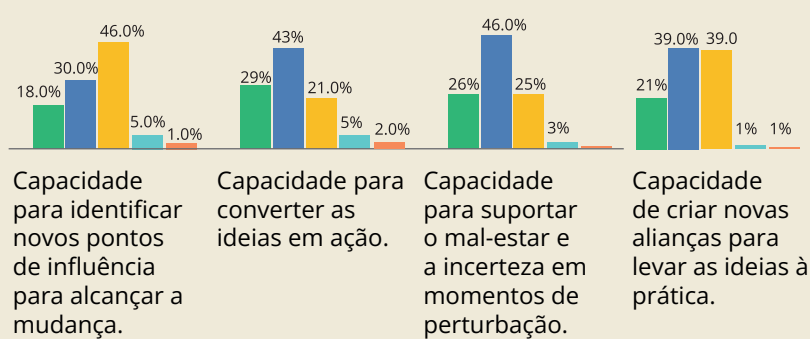


Estes são os resultados da avaliação na qual 99 participantes participaram:

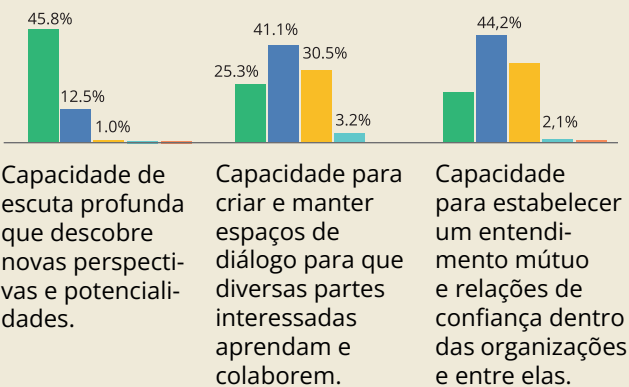
1. Pensamento Sistêmico



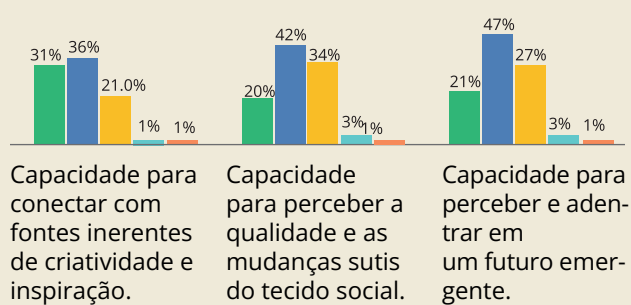
3. Aprendizagem em ação



2. Liderança Colaborativa



4. Conhecimento



AVALIAÇÃO E LIÇÕES APRENDIDAS

Feedback Qualitativo dos Participantes

Por meio do ciclo de feedback de avaliação com os participantes, identificamos as principais conquistas e áreas para melhoria no programa, refletidas nos seguintes padrões.

A maior conquista do evento PLE foi a criação de uma comunidade profundamente conectada e diversa que promoveu interações significativas, transformação pessoal e ação coletiva. Os participantes enfatizaram as conexões profundas formadas dentro dos grupos de liderança e da rede mais ampla. O evento abraçou com sucesso a diversidade e a inclusão, reunindo uma ampla gama de participantes e incorporando a sabedoria indígena, o que enriqueceu a experiência coletiva.

A aprendizagem experiencial desempenhou um papel crucial, com muitos participantes passando por uma transformação pessoal significativa e se conectando com seu propósito interior por meio de práticas e cerimônias incorporadas. O programa PLE também enfatizou a importância da natureza e do equilíbrio holístico, oferecendo um espaço que nutriu conexões mentais, físicas, espirituais, emocionais e ancestrais. Finalmente, a ativação de grupos ecossis-

têmicos e o compromisso coletivo com a transformação consciente destacaram o poder de trabalhar juntos em direção a objetivos comuns. O evento PLE não apenas facilitou o crescimento individual, mas também fortaleceu o senso de comunidade e propósito compartilhado entre seus diversos participantes.

Os padrões a seguir refletem um resumo do feedback feito sobre as lições gerais aprendidas pelos participantes:

APROFUNDAMENTO E CONTINUIDADE:

Ação Consciente: Incorporar uma abordagem mais profunda à ação consciente, com maior ênfase na ação prática.

Módulos repetitivos: Evitar repetir conteúdos do primeiro módulo no segundo; em vez disso, aprofundar-se nos estudos de caso e projetos desenvolvidos entre os dois módulos.

ABORDAGEM E METODOLOGIA:

Teoria e Prática: Aumentar a abordagem teórica e prática para aplicação da Teoria U, integrando mais espaços para refletir e aplicar o aprendizado na prática.

Espaços de Aprendizagem: Criar espaços para compartilhar experiências e metodologias entre os participantes.

RITMOS E ESPAÇOS:

Ritmo Intenso: Reduzir a intensidade do ritmo do evento e oferecer mais pausas para assimilação das informações e experiências.

Espaços de Silêncio: Incluir momentos de silêncio e reflexão pessoal, assim como práticas corporais como TPS (Teatro de Presença Social - Social Presencing Theater)

CERIMÔNIAS E CULTURAS

Cerimônias: Rever a duração e a preparação das cerimônias, garantindo o respeito e a adequação cultural. Evitar sobrecarregar os rituais e considerar a opção que os participantes escolham em quais deles participam.

Povos Originários: Melhorar a abordagem e a preparação para trabalhar com os povos originários, respeitando e cuidando dos espaços sagrados e evitando a apropriação cultural.

FACILITAÇÃO E DINÂMICAS

Diversidade na Facilitação: Incorporar mais facilitadores e equilibrar a presença das energias masculina e feminina. Melhorar a presença e interação da equipe facilitadora.

Grupos Ecológicos: Trabalhar na integração e continuidade dos grupos ecológicos, com mais tempo para desenvolvê-los e materializar objetivos.

COMUNICAÇÃO E LOGÍSTICA:

Preparação Prévia: Melhorar a comunicação antes do evento, incluindo detalhes logísticos e preparativos necessários.

Logística e Organização: Otimizar a organização de horários e logística do evento, incluindo gestão de resíduos e redução de materiais plásticos.

INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE:

Diversidad e inclusión: Garantir maior inclusão de grupos diversos, como jovens e participantes da América Central. Considerar a acessibilidade econômica do programa.

INTERAÇÃO E NETWORKING:

Espaços de Networking: Criar mais oportunidades de networking, facilitando reuniões e conexões entre os participantes.

COLHEITAS E REFLEXÕES:

Espaços para Colheitas: Melhorar a estrutura e a qualidade das colheitas, garantindo que sejam significativas e contribuam para a reflexão coletiva.

AValiação e SEGUIMENTO:

Feedback e Melhorias: Continuar coletando feedbacks e ajustando o programa com base nas observações para melhorar eventos futuros.

Redes Aliadas



Sócios Fundadores



Sócios Ecosistêmico



Sócios de Inclusão



Relatório 2024

Coordenadora: Laura Pastorini

Autores: Sebastian Jung
Mariana Sunita A Miranda

Design & Infográficos: Barbara Lehnebach
Créditos Fotográficos: Barbara Lehnebach

Tradução: Mariana Sunita A Miranda